



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

PLATÃO: ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

ANDREI SIMÃO DE MELLO

ORIENTADOR MS. TADEU MAIA

BRASÍLIA, 10 DE JULHO DE 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

PLATÃO: ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

ANDREI SIMÃO DE MELLO

ORIENTADOR MS. TADEU MAIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado pelo aluno Andrei Simão de Mello a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, orientado pelo professor Tadeu Maia.

BRASÍLIA, 10 DE JULHO DE 2011

Andrei Simão de Mello

PLATÃO: ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado pelo aluno Andrei Simão de Mello a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, orientado pelo professor Tadeu Maia.

Comissão Examinadora:

Prof. Ms. Tadeu Maia (orientador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Ph.D. Angela Alvares Correia Dias

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Ms. Leda Breitenbach Barreiro

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, 10 DE JULHO DE 2011

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, família e amigos, pois sem eles não teria as ferramentas para a realização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço aos meus pais, pois sem seu apoio e afeto eu nunca teria chegado aqui.

Aos meus tios Carlos e Fadia que sempre souberam conversar e passar as broncas necessárias.

À Stella e Mariana, minhas primas, que para mim são como irmãs.

Agradeço a grande ajuda prestada pelo professor Tadeu Maia que me orientou.

À professora Ana Paz que revisou este trabalho e me forneceu valiosas idéias para a formulação do mesmo.

Agradeço também à professora Leda B. Barreiro que me ajudou a revisar este trabalho, que me deu a honra de participar de minha banca e foi uma das melhores professoras que tive na faculdade.

À professora Angela Correia Dias que me honrou participando de minha banca.

Ao amigo e professor Carlos Gomes que me ajudou na realização deste trabalho e ajudou também na minha formação como cidadão.

À Jacqueline, que sempre esteve ao meu lado.

E a todos que estiveram comigo nesta longa caminhada.

EPÍGRAFE

“A brevidade é a alma da razão” (William Skaspeare)

MELLO, Andrei Simão de. *Platão: Ética, Política e Educação*. Brasília/DF, Universidade de Brasília – Faculdade de Educação. Trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Estudar a história dos pensamentos pedagógicos é imprescindível para o conhecimento da educação atual, pois esta é seu produto histórico. A Filosofia da Educação estuda os pensamentos da humanidade, passados ou não, como explicação do estágio atual da educação. Assim, o estudo da Filosofia da Educação irá nos servir para encontrar o caminho de uma educação realmente voltada para o desenvolvimento pleno do homem e sua realização como cidadão. O presente trabalho, *Platão: Ética, Política e Educação*, faz a contextualização histórica e a caracterização do modo de pensar do filósofo e o reflete na educação.

Palavras-chave: Educação. Ética. Filosofia. Platão. Política.

MELLO, Andrei Simão de. Platão: Ética, Política e Educação. Brasília/DF, Universidade de Brasília – Faculdade de Educação. Trabalho de conclusão de curso.

ABSTRACT

The study of pedagogical thoughts' history is essential to understand current education because it is its own historical product. Education's Philosophy researches mankind thoughts, past or not, as an explanation of education's current stage. Thus, Education's Philosophy research will help us to build a new form of education, really focusing on man's full development and its accomplishment as a citizen. The present research, *Plato: Ethics, Politics and Education*, shows the historical background and characterizes the philosopher's way of thinking and reflects it on education.

Key-works: Education. Philosophy. Plato. Ethics. Politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Grécia Antiga.

Figura 2 – Mundo colonial grego.

Figura 3 – Tabela da sociedade grega.

Figura 4 – Cerâmica grega.

Figura 5 – Busto de Homero.

Figura 6 – Busto de Platão.

Figura 7 – Capa do Mito da Caverna, por Maurício de Souza.

Figura 8 – Primeira página do Mito da Caverna, por Maurício de Souza.

Figura 9 – Segunda página do Mito da Caverna, por Maurício de Souza.

Figura 10 - Terceira página do Mito da Caverna, por Maurício de Souza.

Figura 11 - Quarta página do Mito da Caverna, por Maurício de Souza.

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
Primeira parte: Memorial	
Minha família por parte de pai.....	15
Família por parte de mãe.....	16
Minha vida.....	17
Segunda Parte: Ensaio	
Introdução.....	21
Justificativa.....	25
Objetivo Geral.....	27
Objetivos Específicos.....	27
Capítulo 1- Contextualização Histórica.....	28
1.2 – Características sócio-culturais.....	31
1.2.2 – Estrutura social.....	32
1.2.3 – Alimentação.....	34
1.2.4 – Artes.....	34
1.2.5 – Religião.....	36
1.2.6 – Educação.....	38
1.3 – Biografia.....	41
Capítulo 2 – Pensamento Platônico.....	45
2.1 – Mitos, teorias e ciência.....	45
2.1.2 – Os mitos e o pensamento filosófico.....	45
2.1.3 – Finalidade pedagógica do mito.....	47
2.2 – Teoria das Idéias.....	50
2.3 – Teoria da reminiscência e a dialética.....	58
2.4 – A ciência em Platão.....	59

Capítulo 3 – Ética, Psicologia, Política e Educação.....	61
Capítulo 4 – A Academia.....	70
Capítulo 5 – A infância.....	72
Capítulo 6 – Atualidade.....	75
Capítulo 7 – Conclusão.....	78
 Terceira Parte: Perspectiva, glossário e referencial bibliográfico	
Perspectivas de atuação profissional.....	84
Glossário.....	85
Referencial Bibliográfico.....	88

APRESENTAÇÃO

Platão foi um dos maiores mestres do passado. Em sua época, ele vivia em uma *pólis* corrupta e cheia de problemas, não muito diferentes das atuais. Em seus escritos, o mestre refletiu em como poderia solucionar os problemas que afligiam Atenas. A solução começa pela educação, que seria moldada para criar um corpo administrativo eficiente e para acabar com a falta de ética e moral.

Para tanto, este ensaio é uma pesquisa bibliográfica em que livros, sites e artigos foram utilizados de forma a facilitar a compreensão da temática aqui abordada. Diante disso, este trabalho foi organizado em três partes, as quais permitem uma análise das soluções levantadas por Platão.

A primeira parte objetiva demonstrar fatores pessoais e familiares que levaram à escolha desta temática. Começo contando as minhas raízes, passando depois para minha própria vida. Minha trajetória mostra que estudei em uma grande quantidade de colégios, que fui representante de turma diversas vezes e como foi minha vida acadêmica dentro da UnB.

Na segunda parte encontra-se o ensaio. O primeiro capítulo desta parte tem como função fazer uma análise do mundo onde Platão vivia. Assim sendo, encontra-se neste capítulo a história da Grécia, suas características sociais, sua arte, seus hábitos alimentares, sua religião e a biografia de Platão.

O segundo capítulo se inicia com a história dos mitos na Grécia e sua importância. Em seguida, é demonstrado como o mito era utilizado por Platão em suas teorias e seus pensamentos científicos, procurando-se entender a importância do mito para o mestre.

Passa-se então para o terceiro capítulo, que tem como tema principal os problemas políticos vividos na época de Platão e em como ele em suas teses se utiliza da educação para procurar solucionar estes problemas.

A definição e a história da Academia de Platão são os temas do quarto capítulo. Nesta breve análise de como era regido o ensino na Academia criada pelo

mestre, enfatiza-se os hábitos, a prática e algumas descrições físicas de como deveria ser tal instituição.

O enfoque do quinto capítulo é a visão platônica do que é a infância, como se dever cuidar dos pequenos e os diversos modos de ver a criança para Platão.

As atualidades se encontram no sexto capítulo que tem como meta mostrar os aspectos da política educacional e do pensamento platônico que ainda existem hoje, buscando-se compreender a visão de infância na atualidade, a utilização dos mitos e das lendas nos dias atuais e a prisão intelectual em que se vive graças ao controle da mídia. Chegando, por fim, à conclusão pela qual são demonstrados aspectos positivos e negativos dos pensamentos platônicos.

Na terceira parte encontra-se uma pequena perspectiva para o meu futuro, um glossário que visa auxiliar na compreensão dos termos em grego ou mitológicos, localizados nas diversas partes deste ensaio, e, finalmente, a bibliografia.

Parte 1: Memorial

“A alegria de fazer um bem é a única felicidade verdadeira.” (Leon Tolstói)

Minha família por parte de pai

Minha família por parte de pai é proveniente quase inteiramente de imigrantes alemães chegados no início do século. Meu bisavô Emílio August Kettermann ajudou a fundar a primeira cooperativa de trabalho alemão no Rio Grande do Sul, onde confeccionava-se sapatos de couro. Emilio apreciava o hábito de leitura e sempre se mantinha muito bem informado sobre os mais diversos assuntos. Embora possuísse muito apego à cultura e à leitura, meu bisavô pagou um professor para ensinar sua filha (minha avó, Helga Kettermann de Mello) apenas a ler e a escrever. Assim, quando ela pediu para prosseguir os estudos, ele respondeu que não haveria necessidade, uma vez que ela iria trabalhar no campo a vida inteira.

Meu avô Nilso de Mello, por seu lado, teve mais oportunidade. Isso porque era filho de Alberto de Mello, um homem bem colocado na companhia estatal de trens, sendo, portanto, a Nilso permitido avançar mais nos estudos (acredito eu que ele cursou até a oitava série e suas irmãs obtiveram o curso magistério).

Do casamento entre meu avô e minha avó, nasceram seis filhos, sendo quatro mulheres e dois homens (um deles, meu pai, Gilmar de Mello). A vida para estas crianças, no geral, foi dura e de muito trabalho no campo. Meu pai sempre me contava as histórias de sua infância como, por exemplo, a época em que foi cobrador de um ônibus ou quando não conseguia voltar para casa e dormia no chão sem nenhum cobertor, no meio do inverno. Destes seis filhos, nem todos completaram os estudos. Gilmar foi para o exército e lá, por sua vez, começou a trabalhar com helicópteros, mais exatamente com os sistemas elétricos destes. Através desta carreira, meu pai conseguiu fazer cursos no exterior. Entretanto, a vida tinha outros planos para ele e, no começo dos anos noventa, desenvolveu um câncer do qual só se salvou por milagre e o obrigou a se aposentar.

Família por parte de mãe

Uma parte da família de minha mãe era de fazendeiros de Pirapetinga, Minas Gerais. Meu tataravô, João Batista de Souza, homem que através do trabalho árduo e esforço alcançou a riqueza, foi um dos cidadãos mais importantes da região, sendo ele o primeiro a ter caminhões e máquinas das mais modernas para engenho. Do seu casamento com a minha tataravó, Maria de Souza, nasceram 16 filhos, sendo um deles o meu bisavô Pedro Batista de Souza. É dito que quando da morte de meu tataravô, tiveram de chamar o juiz de paz e o delegado para dividir o espólio, tamanha foi a briga.

Meu bisavô, Pedro Baptista de Souza, teve um casamento feliz com minha bisavó Filhinha, que gerou quatro filhos, dois meninos e duas meninas (uma delas minha avó Mary Magalhães de Souza). Meu bisavô fez com que todos se formassem (os meninos iniciaram a preparação para os negócios da família e as meninas, por sua vez, fizeram curso magistério na cidade mineira de Santo Antônio de Pádua).

A ascendência do meu outro avô materno (Farid Simão) é libanesa. Meu bisavô, Felipe Simão, veio refugiado de uma guerra no começo do século XX (acredito que a Primeira Grande Guerra) quando chegou foi direto a São Gonçalo, reduto árabe. Passados alguns anos, Felipe fez uma considerável fortuna e se casou com uma filha de portugueses, Dora Guedes. Dessa relação, nasceram cinco filhos, quatro homens e uma menina.

Meus avós Farid e Mary tiveram o casamento mais feliz de que ouvi falar, mas só ouvi falar, pois ambos morreram antes de meu nascimento. No começo a vida foi difícil: tendo minha avó passado em um concurso para a secretaria de educação do Rio de Janeiro, eles foram viver em São Pedro da Aldeia. Nesta cidade, meu avô, como bom filho de árabe, abriu uma loja. Meus avós e suas duas filhas: minha mãe (Rosemary Magalhães de Souza Simão) e minha tia Fadia passaram por tempos difíceis. Quando terminou seus estudos, minha mãe foi para a capital estudar história, chegando somente à metade do curso, pois meus avós haviam falecido e era necessário cuidar da loja.

Minha vida

Eu nasci no interior do Rio de Janeiro, numa cidade chamada Cabo Frio (praia famosa), mas fui criado em São Pedro da Aldeia (uma cidade vizinha). Ambas as cidades são centros turísticos.

Desde o começo fui muito cercado de atenção por meus pais, por ser filho único. Comecei a estudar cedo, no melhor colégio da cidade, a Escola Disneylândia, ampla e muito bem cuidada. Quando estava no jardim, adorava brincar de cavaleiro com meus amigos, cada um com sua espada de plástico. Chegando à alfabetização, tive uma excelente professora, Da. Luzimar, e com ela descobri uma paixão por estudos sociais.

Tenho maravilhosas lembranças deste colégio: as gincanas, nas quais cada turma era um país ou uma região; também quando alguns professores conversavam com a gente e nos deixavam “escolher” os temas das aulas através do brincar de conversar (prática filosófica). Por outro lado, lembro-me apenas de uma coisa que considero ruim: o hábito que alguns professores possuíam de arrancar as folhas dos meus cadernos por causa de minha letra “muito feia” (chegou ao ponto de, em apenas um dia, arrancarem mais de sete folhas). Como minha letra continua feia até hoje, suponho que o método não funcionou.

Meus pais se divorciaram e minha mãe veio para Brasília comigo. Aqui comecei a estudar na Escola Classe 407 norte, escola em que minha tia conseguiu uma vaga para mim. Era um colégio bonitinho, onde fui representante de turma pela primeira vez em minha vida.

Os anos se passaram e neste meio tempo fui escoteiro, entrei e saí do Colégio Militar de Brasília, da Escola Classe 104 norte e finalmente parei no Colégio Paulo Freire. Acho, até hoje, que foi o lugar em que menos gostei de estudar: era cheio de grades, possuía uma direção opressiva enfim, um clima ruim para os alunos. Apesar de que também foi lá que, como representante de turma, comecei a lutar contra a direção e onde descobri o quanto gostava de Filosofia (lembro que meu primeiro livro no tema foi “Fundamentos da Filosofia” do Gilberto Cotrim).

Entrei então para o Ginásio do Setor Noroeste (GISNO), na época era tido como uma das piores escolas públicas do Plano Piloto. Minha mãe não queria que eu fosse para lá, mas desta vez o sexto sentido materno se revelou falho, pois foi neste colégio que passei meus melhores anos. O ensino era "fraco", o colégio mal cuidado, mas eu gostava muito de lá.

No Ginásio do Setor Noroeste, (onde conheci o professor Carlos Gomes, que me auxiliou nesta monografia) aprendi os fundamentos da filosofia e da escola democrática. Confesso que, a princípio, não dei muita atenção para o professor Carlos, pois seu jeito era liberal demais, me inspirava pouca confiança.

Os tempos mudaram: com a eleição de Arruda para governador, um novo diretor foi indicado. A escola passou a ser, então, vítima de uma grande arbitrariedade, com um diretor que ia contra os alunos e professores. Carlos, como sempre, mostrou-se do lado dos alunos e, a partir deste momento, comecei a ouvi-lo melhor. Tornei-me representante, lancei uma chapa para o grêmio, que foi derrotada, mas mesmo assim fui convidado a entrar para o Grêmio Estudantil e, junto dos outros participantes, mobilizei uma enorme luta contra a direção daquela escola. Assim, com o passar do tempo, a situação foi ficando mais leve e os alunos foram reconquistando alguns direitos perdidos.

Depois, concluí o Ensino Médio, tentei o vestibular na UnB, mas não passei. Então, comecei a estudar Direito na Universidade Paulista (Unip): foi um semestre apenas, mas aprendi os pontos mais básicos do Direito e vi sua ligação com a Filosofia e a Sociologia.

Após isso, prestei o vestibular novamente e entrei em Pedagogia na UnB. Para ser sincero, não era o curso que eu queria naquela época da minha vida, mas como a nota de corte não era grande e integrava as minhas diversas áreas de interesse, acabei escolhendo-o, gostando e hoje acho que foi uma boa opção.

Em meu primeiro semestre, cursei a disciplina "Investigação Filosófica da Educação" com o professor Tadeu Maia (ele sempre me lembrou do professor Carlos, mas, mesmo assim, nos primeiros semestres não pensei em entrar para a área da Filosofia da Educação).

Particpei do projeto da professora Carmenísia, na área de gestão educacional. Entretanto, apesar de gostar muito do projeto, vi (como a própria Carmenísia me relatou) que a minha área era mais próxima do pensamento da Filosofia e da História. Comecei então a procurar outros projetos e encontrei “Filosofia na escola” com o professor Tadeu Maia, no qual logo me matriculei. Neste mesmo período, entrei para a disciplina da professora Luciana Gomide, “Filosofia da Educação” e decidi entrar para o seu projeto que se chamava “Temas filosóficos: pedagogia no cinema”, o qual combinava filosofia e uma de minhas maiores paixões: o cinema.

Próximo ao fim do curso, era então a época de fazer meu estágio: pensei em várias escolas e séries, mas acabei aceitando o convite do professor Carlos Gomes, que me convidou para ser estagiário em sua classe. Lá coloquei em prática alguns conhecimentos de Educação e Filosofia, e comecei a observar melhor os alunos e a entendê-los.

Chego ao final de meu curso e começo a pensar em elaborar minha monografia: já sabia que seria na área de Filosofia, mas qual seria o tema? Pensei em algo genérico e muito abrangente, que seria a influência do pensar filosófico na educação, mas então o professor Tadeu me mostrou o quanto este tema seria extenso e sugeriu algo mais direto e simples, e esta sugestão se tornou o tema atual de minha monografia.

Acredito que herdei esta paixão pelas áreas da humanidade da minha mãe, que sempre me incentivou a estudar História e, dentro desta, descobri a Filosofia. Um dia espero expandir meus estudos nessas áreas mais a fundo, mas neste exato momento devo dizer que estou plenamente satisfeito com os caminhos que tomei e que a vida tomou por mim.

Parte 2: Ensaio

“Não será preferível corrigir, recuperar, e educar um ser humano que cortar-lhe a cabeça?” (Fiodor Dostoievski)

INTRODUÇÃO

Antes de procurar entender qual a influência do pensamento filosófico na educação, sobretudo o pensamento platônico, é necessário buscar compreender o que a Filosofia propõe como objetivo:

A Filosofia seria isso mesmo: uma especulação infinita e desregrada em torno de qualquer assunto ou questão, ao sabor de cada autor, de suas preferências e mesmo seus humores. Há mesmo quem afirme não caber a Filosofia “resolver”, e sim unicamente de estimular a reflexão, aguçar a curiosidade. E já que se afirmou até que a Filosofia não passava de uma ginástica do pensamento, entendendo por isso o simples exercício e adestramento de uma função – no caso, o pensamento em vez dos músculos – sem outra finalidade que essa. (PRADO, 1981, p. 6)

Embora uma boa parte das especulações sobre Filosofia, na atualidade, nos leve a confirmar tal forma de pensar, essas especulações, segundo alguns autores, não são verdadeiras. Há um terreno comum onde a Filosofia se mistura com a literatura: nesse terreno, a Filosofia realmente não tem como objetivo conclusão alguma. No entanto, ele que é compartilhado com a literatura, não é toda a Filosofia, nem mesmo sua mais importante parte:

Mas conserve embora a Filosofia literária sua qualificação de status, é necessário que a par dela e com ela se desenvolva também uma Filosofia de outro teor que dê respostas, e na medida do possível, precise, às questões que efetivamente nela se propõem. A Filosofia pode a rigor ser tratada literalmente, como pode sê-lo a Ciência e o conhecimento em geral.(...) Que se percebe sobretudo na Filosofia em conjunto como maneira específica de se tratar dos assuntos de que se ocupa por mais variados e díspares que sejam. (PRADO, 1981, p. 7)

A Filosofia não conta com um objeto simples e bem formulado, ela busca uma unidade do conhecimento e por isso, leva em conta também questões morais e de valor. Sendo assim, faz-se necessária a pergunta: qual o possível objeto do conhecimento da Filosofia? Ela é, nas palavras de PRADO (1981), o Conhecimento do próprio conhecimento. É neste ponto que a Filosofia se conecta diretamente com

a Pedagogia, uma vez que o aprender e o ensinar são trocas de conhecimentos entre professor e aluno, assim como aquelas ocorridas entre Sócrates e Platão.

O interesse filosófico pela educação começou desde cedo, os pensadores gregos da era clássica deram a ela, de forma praticamente unânime, grande importância. Sabe-se que, embora controversos, os sofistas estão entre os primeiros educadores profissionais de que se tem notícia. Eles pensaram e analisaram o peso social e o valor de educar, ainda que seus escritos mais importantes, infelizmente, não tenham se conservado.

A supremacia do Estado foi, no geral, muito grande na Grécia Antiga (considerava-se então de fundamental importância as relações entre indivíduo e Estado). Assim sendo, a educação deveria preparar o jovem para exercer seus direitos nesta relação. Contudo, cada cidade-estado tinha suas características peculiares e seus sistemas educacionais deveriam se adaptar às mesmas.

Nesta época, para ser considerado um cidadão, era necessário exercer seus direitos de opinar, discutir, deliberar e votar nas assembleias. Os jovens tinham de possuir uma educação voltada a tais afazeres. Neste ponto, via-se a necessidade de uma educação voltada a essas atividades. Por outro lado, os sofistas não tinham uma origem bem definida. A palavra sofista significa "sábio" e, no sentido pejorativo, significa "homem que emprega sofismas", ou seja, homem que usa um raciocínio capcioso com intenção de enganar.

Os sofistas contribuíram muito para a sistematização da educação, pois se julgavam sábios. Eles ensinavam a retórica, que é a arte da persuasão, mas vale ressaltar que eles cobravam por seus ensinamentos. Desse modo, por se declararem como os únicos retentores do conhecimento, foram bastante criticados por Sócrates e seus seguidores, pois, para o mestre, o verdadeiro sábio é aquele que reconhece sua própria ignorância. Para combater os sofistas, Sócrates desenvolve dois métodos que são bastante conhecidos até os dias de hoje: a ironia e a maiêutica.

O primeiro consiste em questionar o ouvinte a respeito do que ele considera como verdade e tentar fazer o ouvinte entender que ele realmente não sabe tudo. Depois que o ouvinte se convencia disto, Sócrates passava a utilizar o segundo

método que é a maiêutica, que significa dar luz às ideias. Nesse momento, o ouvinte, consciente de que não sabe tudo, busca saber mais, obtendo respostas por si próprio.

Platão e Aristóteles foram os primeiros a perceber que a educação deveria ser regulamentada, em seus pormenores, pelo estado e, além disso, deveria ser compulsória para todos os homens-livres. Platão em as *Leis* revela a quais extremos pode ser levado o conceito de educação quando ela não se restringe a alguns aspectos da vida. Para o cidadão-guarda do estado ideal, a vida doméstica e os laços familiares não eram permitidos. Aristóteles não chegava a este exagero, embora considerasse a educação familiar como, de certo modo, prejudicial à criança. (BENTON, 1972, p. 285)

Para Platão, até os 20 anos todos merecem a mesma educação. Nesta fase, ocorreria a primeira segregação e se define os que são grosseiros, aqueles que deveriam se dedicar a agricultura, comércio e atividades consideradas muito importantes, mas de esforço físico. Depois deveriam estudar mais 10 anos e fazer a segunda segregação, que é onde se definiria aqueles que possuísem a virtude da coragem e dos atributos físicos: esses formariam o corpo militar da cidade. Por fim, os que sobrassem seriam incumbidos da arte de dialogar e possivelmente se tornariam os futuros governantes.

O conhecimento, para Platão, é resultado de se lembrar daquilo de que a alma já contemplou no mundo das ideias: logo, ela consiste em despertar no indivíduo o que ele já sabe em vez de se apropriar de um conhecimento que está fora. Outro aspecto da pedagogia platônica é a crítica que ele faz aos poetas. Na sua época, a educação das crianças era baseada em poemas heroicos, porém ele dizia que a poesia deveria ficar limitada ao mundo artístico e não ser usada na educação.

O sistema educacional que mais chegava perto do que pregava Platão era o espartano, onde as crianças e jovens eram educados sob direta supervisão do Estado. Os rapazes deveriam virar guerreiros e as moças, mães de guerreiros. Atenas foi à primeira cidade a dispor de leis que controlavam a frequência dos alunos nas escolas e as próprias eram regulamentadas por uma legislação especial.

De todas as características da educação grega, a música, a cultura literária e artística eram, praticamente, iguais em todas as *pólis* (glossário). Para Platão, estas disciplinas afetavam diretamente o caráter. Entretanto, o pensamento geral que vigorava na época era de que a ginástica, embora individual, serviria para estreitar laços entre os cidadãos, já a linguagem musical, teatral e literária serviriam para o espírito de lealdade à sua *pólis* (vide glossário).

A cada avanço da educação ateniense, os estudos intelectuais assumiam maior espaço e importância, enquanto os de características físicas permaneciam em segundo plano.

Com a decadência das atividades físicas, alguns filósofos como Aristófanes declararam que a mocidade ateniense estava sendo castrada pela efeminação e pelo excesso de conforto e falta de exercícios. Na Grécia Antiga, em que o cuidado com o corpo era muito importante, Platão (apesar de reconhecer a importância dos exercícios físicos e enxergar que eles moldariam a saúde perfeita e parte do caráter dos estudantes) acreditava que a educação espiritual era superior à educação física. Trata-se da superioridade da alma sobre o corpo: ele explica que a alma, ao ter que possuir um corpo, torna-se degradante.

Mesmo com os pensamentos de Platão ou até mesmo Aristófanes, o modelo educacional que dominava quase toda a Grécia era ainda aquele imposto pelos sofistas com sua educação retórica. Em uma cidade-estado democrática, o orador podia facilmente se tornar um demagogo, abrindo, assim, caminho para suas ambições pessoais. Os jovens que eram movidos por essas paixões procuravam avidamente as escolas sofistas.

Este trabalho pretende analisar o pensamento platônico, tendo como objetivo principal identificar sua influência na educação, tratando-se de uma pesquisa bibliográfica que busca em algumas obras de Platão, bem como em livros, artigos publicados e sites, as bases para fundamentar minha análise da importância das ideias do mestre.

JUSTIFICATIVA

Eu sempre gostei de Filosofia, pois questionar o mundo em que se vive, para mim, é o começo da solução de muitos problemas. Sendo assim, me dedico, neste momento, a questionar a educação atual e tento observar suas respostas ou, pelo menos, parte delas no passado.

O estudo da Filosofia da Educação na pedagogia é de vital importância para conhecer a atual educação, pois esta é fruto de toda a história e não apenas algo exclusivo de nosso tempo. A educação vigente é ao mesmo tempo estágio do passado e fomentação para o futuro. Posto isso, estudar a influência do pensamento filosófico na Educação é de extrema necessidade. O estudo da Filosofia da Educação servirá para encontrar o caminho de uma educação realmente voltada para o desenvolvimento pleno do homem e sua realização como cidadão.

O Brasil é hoje um país que se diz do futuro, mas quando se olha mais atentamente a este quadro notam-se as pequenas ranhuras que este possui: vê-se um Estado atolado em corrupção, governantes medíocres, sendo que quem manda é, primordialmente, o dinheiro.

Desde cedo se escuta que a educação é direito de todos e é um dever do Estado fornecê-la a seus cidadãos, que esta deve ser de qualidade e igualitária, possibilitando a todos a chegada aos degraus superiores do ensino. De fato, nota-se que por parte de alguns esta meta é de vital importância. Contudo, na realidade a maior parte da população ainda é obrigada a suportar os piores níveis de educação (isso quando os tem), vivendo sempre em eterna alienação, pois sem a boa educação a alma nunca poderá contemplar o verdadeiro conhecimento, ficando este então nas mãos dos que possuem mais dinheiro e poder.

A criança nesta nação é vista como uma chave do desenvolvimento futuro, pois ela irá herdar o governo, mas serão todas as crianças preparadas de forma igual?

Então, aquele quadro belo que seria o do país do futuro se torna feio e difícil de encarar. Afinal, como se pode viver em um país do futuro onde a verdade e a

justiça são negadas à maior parte do povo? Seria este o verdadeiro futuro, o da alienação da alma? No entanto, o que poucos sabem é que, alguns séculos antes de Cristo, um filósofo viveu isso em seu Estado. Ele viu como a juventude era desvirtuada, como a educação era controlada por poucos ditos “sábios”, como existia uma máquina administrativa corrupta e pouco eficiente. Este homem, em sua época, viu governos demagógicos sendo trocados por tiranos que, por sua vez, eram trocados pelo poder do dinheiro. Este mestre desenhou como deveria ser o Estado perfeito e este começaria pela educação.

Em sua concepção de educação, o caráter seria moldado juntamente com o amor ao seu Estado. Todos teriam acesso à educação e, para isso, as classes sociais seriam dissolvidas, o filho do pobre seria educado como o do rico e todos poderiam atingir o topo, dependendo apenas de suas capacidades. Em seu governo, apenas as melhores almas, as mais iluminadas, poderiam assumir posições de chefia.

Por estes motivos, a Filosofia da Educação deve ser enfatizada, pois muitas das respostas para os atuais problemas encontramos no passado, onde mentes muito mais evoluídas e almas muito mais iluminadas viram estes problemas e pensaram em soluções. No caso específico deste trabalho, o mestre aqui retratado procurou resolver os problemas do Estado, da educação, da justiça e de muitas outras coisas, por isso o estudo de Platão é de extrema importância nos dias atuais.

OBJETIVOS

Geral

Investigar e caracterizar como o pensamento platônico influenciou e influencia a educação atual em seus mais diversos aspectos.

Específicos

- Caracterizar o estilo de vida dos antigos gregos e em como este influiu em sua educação e nos pensamentos do mestre;
- Entender como o pensamento mítico ajudou na educação;
- Identificar as teorias principais de Platão;
- Entender como a falta de moral pode acabar com a política de um Estado;
- Caracterizar principais pontos do pensamento político e educacional platônico;
- Estudar a criança em Platão;
- Demonstrar o que era a Academia;
- Identificar traços do pensamento do mestre na atualidade.

1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Antes de adentrar no pensamento platônico, é necessário fazer uma breve análise do contexto histórico-social grego, objetivando, assim, compreender melhor o meio social em que o mestre vivia.

Geograficamente, a Grécia está localizada na península balcânica, sendo banhada pelos mares Egeu, Mediterrâneo e Jônico. Seu litoral é acidentado e apresenta grande quantidade de ilhas próximas. Cerca de 80% de seu relevo é acidentado, sendo que as ásperas montanhas de pedra calcária ocupavam cerca de 3/4 do território, fazendo com que não possuísse grandes reservas hídricas, fatores estes que dificultaram a agricultura na Grécia (particularmente difícil desde o começo dos tempos).



Figura 1: Mapa da Grécia Antiga.

Fonte: <http://www.historiadigital.org/2009/08/atlas-historico-grecia-antiga.html>

Sua superfície contínua é bastante limitada, fator que, somado ao relevo indócil e a agricultura difícil, influenciou parte significativa da população a habitar as ilhas próximas do continente, como Ítaca e Cefalônia. Esta relação com as ilhas, por sua vez, criou fortes laços entre os gregos com o mar, em especial os atenienses que foram conhecidos como grandes navegadores.

O período inicial da história da Grécia abrange três fases: a Idade do Bronze (que foi de 3000 até 1200 A.C. e durante este período desenvolveram-se as civilizações minoana e miceniana), a Idade Média Grega (compreendido entre 1100 e 900 A.C., no qual verificou-se diversos movimentos migratórios no Mediterrâneo), e o Renascimento Grego (que foi dos séculos IX a I A.C. e nele viu-se assinalada o triunfo da civilização helênica e ocorreu a colonização pelos povos gregos de quase toda a costa do Mediterrâneo).

Entre as primeiras civilizações das quais se tem registro, estão a Minoana e a Miceniana. Por volta de 3000 A.C., povos vindos da Mesopotâmia alojaram-se no Chipre, Creta e em algumas regiões da costa oriental da Grécia continental. Esses povos tiveram como centro político-cultural Cnossos (vide glossário), em Creta.

Em 2600 A.C., as regiões mais quentes do continente grego receberam novas levas de colonizadores asiáticos (jônios e dórios) que se misturaram aos helenos e deram origem a uma auspiciosa civilização que floresceu em Micenas, Tirinta e Pilos. Nesta civilização, que teve apenas parte de sua escrita revelada, surgiu o culto dos primeiros deuses olímpicos. O declínio do comércio com o Mediterrâneo somado a guerra de Tróia levaram esta civilização à queda.

Com a decadência da civilização miceniana, povos vindos, sobretudo, da região do vale do Danúbio, migraram para a península egéia destruindo e conquistando a Macedônia e grande parte do mundo miceniano. Somente a Arcádia e a Ática conseguiram se manter independentes neste período.

Um oásis de civilização, formado pela Fenícia, Palestina, Síria e Chipre, conseguiu sobreviver a esse “período de trevas”. O renascimento grego se deveu em grande parte ao comércio com estes povos. Neste tempo, nas planícies do Rio Eurotas, cinco aldeias pequenas se uniram e formaram Esparta, que viria a ter grande importância na história grega. Além dessa, outras duas grandes cidades se formaram da mesma forma no século VIII A.C.: Corinto e Mégara.

A partir do renascimento, os gregos começaram seu movimento de colonização, sendo Mileto a cidade pioneira. Colônias foram estabelecidas nas costas do Mar Negro, Ischia, Sicília, Trácia e etc.

A expansão grega teve como contraponto a expansão do Império Persa, que conquistou a Macedônia e algumas ilhas gregas, pondo assim em xeque toda a vida econômica do mundo grego. Neste tempo, a maior potência grega, Esparta, formou uma coalizão militar entre outros estados gregos (chamada Liga do Peloponeso) que tinha como objetivo a expulsão dos persas do território grego.

Depois da derrota dos persas, o mundo helênico gozou de enorme florescimento, interrompido apenas pela primeira guerra do Peloponeso entre Atenas e a Confederação do Peloponeso, liderada por Esparta. O século V A.C., conhecido como “século de Péricles”, assinalou o maior aperfeiçoamento da cultura grega no teatro, na história, na medicina, nas artes e, sobretudo, na Filosofia. No ano de 427, portanto fim do século V A.C., nasceu Platão.

Resumo da História Grega até Aristóteles

- 3000-1100 a. C. = Ascensão e queda da civilização minoana na ilha de Creta e da civilização micênica no continente grego.
- 776 a. C. = A primeira Olimpíada foi realizada.
- 700 a. C. = Homero compôs a *Ilíada* e a *Odisséia*.
- 490 a. C. = Os gregos rechaçaram a primeira invasão persa na Batalha de Maratona.
- 480 a. C. = Os atenienses derrotaram a frota persa em Salamina.
- 461-431 a. C. = Durante a Idade de Ouro de Atenas os gregos desenvolveram suas maiores artes.
- 431-404 a. C. = Esparta derrotou Atenas na Guerra do Peloponeso.

1.2– Características sócio-culturais

Os gregos fundaram muitas cidades, cada qual com seu rei, seus hábitos, sua legislação e etc. No entanto, vale notar que, apesar das grandes diferenças, os gregos se consideravam apenas um povo, o que ajudou a desenvolver na Grécia um sentimento nacionalista.

Uma época de grande crescimento populacional trouxe para a Grécia muitas mudanças econômicas e sociais. Os aristocratas possuíam as terras mais férteis, sobrando pouca terra para o grosso da população tirar seu sustento. Assim sendo, os gregos desenvolveram colônias ao longo do Mediterrâneo. As primeiras delas não eram obras estatais e sim iniciativas independentes e desorganizadas da população. Contudo, essas iniciativas vieram a sofrer a intervenção das pólis, que passaram a organizar as colônias de acordo com as necessidades do Estado. Inicialmente, as colônias eram meramente agrícolas com o objetivo de abastecer a metrópole, mas com o passar do tempo elas foram desenvolvendo atividades de indústria. Os atenienses foram os primeiros a organizar colônias por obras do Estado, localizadas nos mais diversos lugares, como a Sicília e a Espanha.

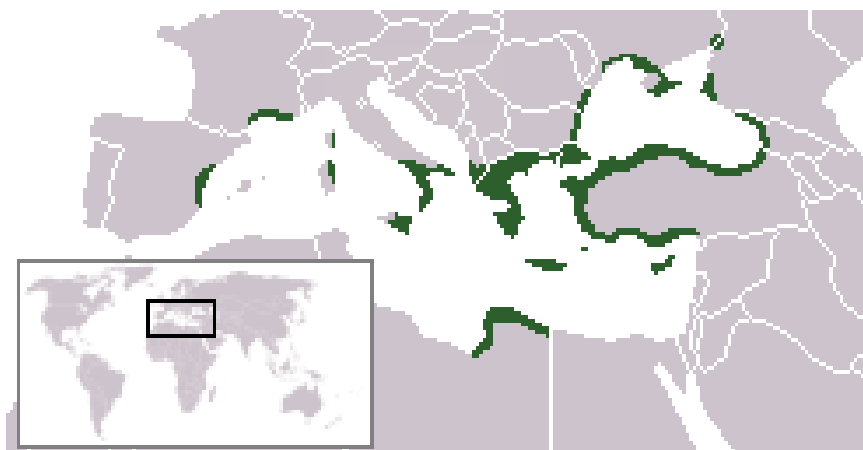


Figura 2: Mundo colonial grego.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Location_greek_ancient.png

Em grande parte das cidades, a agricultura não gerava bons frutos, fazendo com que o comércio fosse florescendo, juntamente com a colonização, fatores estes

que aumentaram o número de estrangeiros e de escravos na península egéia. Com isso, as classes que não participavam da política aumentaram exponencialmente e ganharam muita influência na sociedade.

1.2.2 – Estrutura social

Como já citado, cada cidade grega possuía uma organização política diferente das demais, no entanto a grande maioria das cidades possuía um modelo de estruturação social similar ao da cidade de Atenas, terra natal de Platão, que contava com a seguinte organização social:

- Cidadãos, os eupátridas: único grupo com direitos políticos (Platão). Segundo o código de Péricles, vigente em Atenas, só poderiam ser cidadãos os homens que fossem filhos de outros cidadãos. No entanto, para ser um cidadão, era necessário que o pai reconhecesse o filho dentro das estruturas sociais da época. Vale destacar que cada cidade tinha seu procedimento em relação à aprovação do cidadão. Em Esparta, por exemplo, era necessário que a criança fosse submetida à aprovação ou não do conselho dos anciões, o qual decidia se a criança deveria ou não viver.

- Metecos: eram os estrangeiros que habitavam Atenas. Seu papel social é muito discutido entre os atuais historiadores, pois alguns dizem que “eram tão maltratados quanto os escravos” e outros dizem que eram “quase cidadãos”. De toda forma, eles concordam que, com a chegada dos metecos, a economia grega começou a se dinamizar. A grande maioria trabalhava em atividades comerciais e atividades intelectuais (como a docência de retórica, de Filosofia e a escrita de discursos judiciais para cidadãos).

Politicamente não podiam freqüentar as assembléias, comandar navios, adquirir terras, dirigir órgãos públicos, além de terem por obrigação pagar um dia de seus trabalhos anuais como imposto.

Os metecos eram uma população extremamente heterogênea, oriundos de várias regiões do mundo conhecido. Existiam pobres e outros extremamente ricos, estes, contribuíam, junto com os cidadãos, com os custos militares e artísticos, como o financiamento dos coros teatrais.

- **Escravos:** no período clássico grego, os escravos possuíam obrigações que variavam de região para região (em geral, funções domésticas, desempenhando, além destas, algumas de fundo econômico). Os escravos possuíam alguns direitos contemplados pela lei, contudo eram considerados apenas habitantes da cidade e não cidadãos.

A grande maioria dos escravos residentes na Grécia eram oriundos das redondezas da pólis (uma vez que a Hélade não era uma agremiação territorial, mas um conjunto de cidades autônomas). Os habitantes de uma pólis poderiam servir como escravos em outra. A partir do séc. V A.C., a maioria dos escravos começou a ser adquirida em entrepostos comerciais, sendo em grande parte provenientes de terras próximas como a Trácia e Frígia (glossário). Havia também gregos que, por não conseguirem pagar suas dívidas, eram transformados em escravos. Outra formação de escravos era através da troca dos serviços de um médico pela sua própria servidão.



Figura 3: Gráfico da sociedade grega.

Fonte: <http://historia-78.blogspot.com/2011/02/sociedade-ateniense.html>

1.2.3 – Alimentação

A alimentação da maior parte da população era feita somente duas vezes ao dia. O almoço era chamado de *ariston* (uma refeição simples) e o jantar, chamado de *deipnon* (que era considerado a principal refeição do dia). Como parte de sua alimentação, os gregos costumavam consumir cereais como o trigo, o centeio, a cevada ou ainda a aveia. Cultivavam e comiam regularmente azeitonas (e o azeite de oliva), uvas e figos. Criavam bodes, ovelhas e cabritos, dos quais extraíam a carne, o leite e as peles (além dos chifres, usados para confeccionar vários acessórios). O leite de bovinos e caprinos permitia aos gregos a produção de queijos variados e de grande qualidade. Nas cidades localizadas em regiões costeiras, havia ainda a possibilidade de se consumir peixes e frutos do mar, muito comuns na mesa dos gregos. O consumo de carnes era mais comum em festividades religiosas ou em ocasiões especiais (como celebrações de casamentos ou nascimento de filhos).

Em “República”, aparecem algumas ideias sobre dietas gregas: o mestre aconselha uma alimentação própria, que se evitem as gorduras e doces.

1.2.4 – Artes

Artisticamente, as esculturas estavam entre os mais importantes aspectos da cultura grega. Os principais materiais usados para se produzir uma escultura na Grécia antiga eram madeira, mármore, terracota, marfim, bronze e glíptica. Pode-se dizer que a escultura grega é dividida em cinco períodos, sendo eles o Dedálico, Arcaico, Severo, Clássico e Helenístico.

Quando ocorreu o nascimento de Platão, o período que vigorava era o Clássico, no qual se realizaram as mais importantes obras do naturalismo grego. O primeiro grande centro do classicismo grego foi Atenas, que, do alto de seu

esplendor e democracia, favorecia as artes mundanas (ao contrário de Esparta, que, sendo uma sociedade mais fechada, tinha alguma dificuldade para a evolução de sua arte). Neste período, a frontalidade foi deixada de lado e as esculturas tornavam-se cada vez mais próximas da realidade humana, do tónus aos cabelos. Demonstrou-se também grande preocupação com as vestimentas como complementos importantes ao ser humano.

A pintura, no geral, era muito interligada com outras artes (como a arquitetura e a escultura). Divide-se em cinco épocas (Estilo Protogeométrico, Estilo Geométrico, Estilo Arcaico, Pinturas negras e Pinturas vermelhas) e cinco escolas (Ática, Jônica, Sicônia, Ática-Tebana e Helenística).

Platão viveu na época das pinturas vermelhas, período em que se inverteu o esquema de cores anterior, passando assim todas as pinturas a terem o fundo vermelho. O grupo pioneiro neste tipo de arte foi liderado por Eufrônio e Eutímidas, dois dos melhores especialistas em cerâmicas da Grécia.



Figura 4: Cerâmica grega.

Fonte: <http://historia-78.blogspot.com/2011/02/sociedade-ateniense.html>

Outro movimento artístico de fundamental importância para a Grécia foi o teatral, com suas duas vertentes: a tragédia e a comédia. Ésquilo e Sófocles são os

dramaturgos de maior significância da história do teatro grego. Nesta época, foram construídos muitos teatros ao ar livre, cujas colinas de pedra eram aproveitadas para serem o suporte das arquibancadas. A acústica, aspecto em que os gregos se revelaram grandes mestres, era quase perfeita, de forma que todos conseguiam escutar os sons do teatro com perfeição, dos mais próximos ouvintes aos mais distantes. Os temas mais utilizados em suas peças teatrais eram: tragédias relacionadas a fatos do cotidiano, lendas e críticas humorísticas a políticos.

1.2.5 – Religião

A religião era politeísta e antropomórfica, mostrava uma profunda marca humanista, sendo os primeiros deuses provenientes de Caos (vide glossário):

Certamente, muito antes de tudo existia Caos. Somente depois surgiram: Géia, de amplo seio, sólido sustento de todos os imortais que habitam o cume nevado do Olimpo, o tenebroso Tártaro, nas profundezas da terra de vastos caminhos, e Eros, o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominado o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais.”(HESÍODO, séc. VII a.C., p. 29 e 30)

De sua união com o estrelado Urano, Géia gerou as Montanhas, Oceanos, a bela Tétis e por fim Cronos. Assim que nasciam seus filhos, Urano os escondia dentro dela, querendo salvá-los. Então, a mãe preparou uma grande foice, feita de um metal altamente poderoso e armou uma armadilha para seu marido. Quando Géia contou aos filhos seu plano, apenas Cronos concordou e teve coragem de se revoltar contra o próprio pai.

Em uma noite quando Urano (desejoso por Géia) se aproximou, Cronos tomou a foice para si e castrou seu pai. O sangue do pai caiu sobre sua mãe que gerou ainda as Erínias, os Gigantes e as Ninfas, chamadas Melíades.

Cronos toma como esposa sua irmã, Réia (vide glossário), gerando seus ilustres filhos: Héstita, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e o poderoso Zeus.

Temendo ser derrubado pelos filhos, Cronos tratou de engoli-los logo assim que nasceram. Zeus, ao nascer, foi escondido em Creta por sua mãe, que tratou de alimentá-lo:

E com o girar dos anos, enganado pelas hábeis sugestões de Geia, o poderoso Cronos de pensamentos tortuosos vomitou sua prole. Vencido pelas artes e pela força do filho, primeiro expulsou a pedra, aquela que por último havia sido devorada. (HESÍODO, séc. VII a.C, p. 44 e 45)

A partir daí, começou a governar o universo a terceira geração dos deuses. Os principais moravam no Monte Olimpo, sendo eles: Zeus, deus dos deuses, Atena (deusa das artes, da sabedoria e das qualidades guerreiras), Apolo (deus do Sol, do arco, da peste, da cura, dos oráculos e etc.), Ártemis (deusa da caça e protetora das cidades), Afrodite (deusa do amor, do sexo e da beleza corporal), Deméter (deusa das colheitas), Hermes (mensageiro dos deuses), Poseidon (deus dos mares, dos terremotos e senhor dos cavalos), Ares (deus da guerra), Hera (deusa do casamento e esposa de Zeus) e Hefesto (ferreiro dos deuses e deus do vulcão).

Para habitar a Terra, Cronos criou primeiro uma raça feita do ouro. Estes povos viviam como deuses, sem preocupações ou infortúnios. Ainda, sobre eles não pesava a velhice, eram dotados de poderosas mãos e pés e não precisavam trabalhar, pois a terra era fecunda e os rebanhos, ricos. Esta raça era extremamente amada pelos deuses:

Depois que a terra cobriu esta geração, pela vontade divina eles se tornaram benéficas entidades terrenas, guardiãs dos homens mortais, por desígnio do poderoso Zeus. (HESÍODO, séc. VII a.C, p. 70)

Em seguida, veio a raça de prata, muito inferior e diferente da primeira. Durante os primeiros cem anos, os filhos viviam ao lado de suas mães, brincando em suas casas. Depois que viravam adolescentes, viviam pouco, devido à sua grande insensatez, pois estes não tinham a capacidade de deter os seus excessos, nem cultuavam os deuses. Então, Zeus, tomado de cólera, os destruiu.

Surge então a raça de bronze, que em nada se assemelhava à de prata. Nascida dos freixos, esta raça era forte e somente se ocupava da violência, utilizando seus inúmeros braços. Sucumbiram estes por suas próprias mãos.

Zeus cria, então, a poderosa, virtuosa e justa raça dos heróis chamados semideuses. Muitos sucumbiram em batalhas; outros, nas portas de Tebas; e, os que sobraram, Zeus a eles concedeu abrigo e vida na Ilha dos Bem-Aventurados, onde eles viveriam em paz e longe de todos os homens.

E, por fim, veio a atual raça, feita do ferro:

Quem me dera não ter de viver entre os homens da quinta raça. Melhor seria se houvesse morrido antes ou nascido depois, porque agora é a raça de ferro. Nunca deixarão de trabalhar e de sofrer durante o dia, definhando durante à noite. Os deuses lhes darão pesadas angústias, e para eles os bens virão misturados aos males. (HESÍODO, séc. VII a.C, p. 72)

Praticavam os gregos o culto aos deuses, heróis e semideuses, tidos como antecessores, protetores e fundadores de suas cidades. Assim, dentre os principais heróis gregos estão: Aquiles, Perseu e Hércules.

O culto aos deuses foi tão desenvolvido na Grécia que foram erguidos os mais soberbos templos (como o Parthenon, templo de Atena, ou Delfos, onde, sob a proteção de Apolo, repousava o maior oráculo de toda a Grécia). Realizavam jogos em homenagem aos deuses, os jogos olímpicos, (pois se passavam na cidade de Olímpia) de quatro em quatro anos (jogos menores eram também realizados em outras pólis gregas).

1.2.6 – Educação

Com relação à educação, os gregos acreditavam que para sua cidade-estado evoluir integralmente era necessário que suas crianças (somente os meninos, pois as meninas apenas aprendiam a ser boas donas de casa)

desenvolvessem ao máximo suas capacidades intelectuais e morais. O primeiro grande educador foi Homero, visto que seus contos eram base para a formação intelectual tanto dos nobres como dos cidadãos.

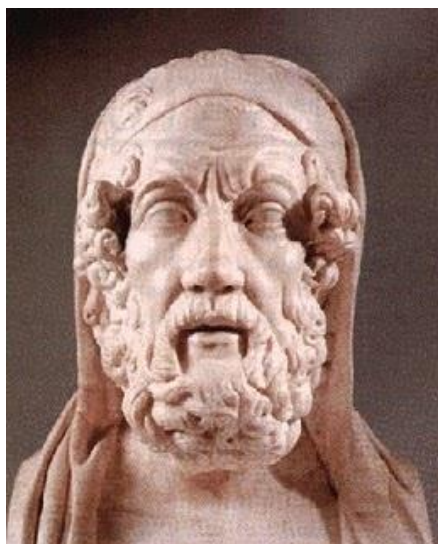


Figura 5: Busto de Homero.

Fonte: <http://www.ahistoria.com.br/biografia-homero/>

A educação formal se iniciava aos sete anos, sendo que as crianças inicialmente ficavam sob o cuidado de um escravo, o pedagogo (Paidagogo):

Em grego antigo paidós significa “criança” e agodé indica “condução”; aglutinadas e adaptadas ao português elas nos dão a palavra pedagogia. Na Grécia Antiga o paidagogo era o condutor da criança. No mundo grego clássico ele era aquele que guiava a criança ao local de ensino das primeiras letras e ao local da ginástica e dos exercícios físicos. Não raro, o pedagogo era um escravo ou serviçal. Não necessariamente era um preceptor, alguém responsável pelo ensino propriamente dito. Em geral, não era aquele que de fato ensinava conteúdos, a não ser alguns poucos hábitos, ligados aos costumes do local... O que quero ressaltar ao dizer que o pedagogo era apenas um guia para a criança é que ele tinha como função colocá-la no caminho da escola, metaforicamente, na direção do saber. (GHIRALDELLI, 1987, p. 11)

Os dois pilares centrais da educação grega eram o Aretê e a Paideia. O primeiro significa "adaptação perfeita, excelência, virtude" (segundo Sócrates, a virtude seria fazer aquilo a que você se destina, mas na Grécia antiga também

significava a coragem e a força de enfrentar todas as adversidades, sendo esta uma característica a que todos aspiravam). A partir do séc. IV A.C., Aretê, sob a influência de Platão, passou a incorporar outros atributos como justiça, e moderação. Seria esta, então, a educação, a qual se aspira a realizar a verdadeira forma do Homem, o seu autêntico ser, natural, virtuoso e justo. O treinamento no Aretê envolvia educação física, oratória, retórica, ciência, música e filosofia, além de educação espiritual.

A palavra Paideia vem de “criação dos meninos” e seria a formação geral que tem por tarefa construir o homem como homem e como cidadão:

... a essência de toda a verdadeira educação ou paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento (JAEGGER, 1994, p. 147)

Na Paideia, a ideia principal é colocar o homem a par de todo o conhecimento necessário para criar assim uma harmonia consigo mesmo e com a sua comunidade (ou sua cidade como um todo). Assim, com estas ferramentas, ele poderia interferir na sociedade e política de sua *pólis*:

Paideia é, então, além da técnica de ensino que prepara a criança para a vida adulta, o resultado de um processo de educação que se perpetua por toda a vida. Não há em língua portuguesa palavra que abarque o significado que davam os gregos para paideia. (SILVA, 2010, p. 2898 e 2899)

1.3– Biografia

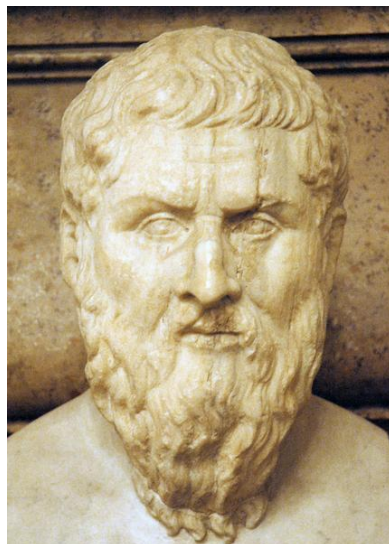


Figura 6: Busto de Platão

Fonte: <http://leiovejoopino.blogspot.com/2011/04/platao.html>

Nasceu no ano de 427 A.C., possivelmente em Atenas, embora muito se especule sobre a possibilidade de ter sido em Tebas ou na Ilha de Égina (onde seu pai liderou a colonização). Platão era filho de umas das famílias mais nobres de sua cidade natal. Por parte de pai, descendia diretamente de Codros, que fora o último rei de Atenas e, por parte de mãe, descendia de Sólon, grande poeta e legislador, (sendo também sobrinho de Câmidas, um dos Trinta Tiranos que governou Atenas). Assim sendo, desde o nascimento, esteve envolvido diretamente com a política. Acreditava-se que seu nome verdadeiro seria Arístocles, ou seja, o nome Platão seria apenas um apelido que ele havia recebido, o qual significava “ombros largos”.

Pouco se sabe sobre sua infância, apenas que deve ter recebido uma educação semelhante a todo aristocrata de sua época. Desde cedo, revelou um talento incomum para a arte e para a dialética, e, na juventude, pôde exercer livremente suas vocações naturais. Por tradição familiar deveria ingressar na política, mas acabou por escolher outro caminho, fato que se observa em suas críticas à democracia ateniense.

Em sua juventude se entusiasmou pela Filosofia de Crátilo, que adotava as ideias de Heráclito de Éfeso (o qual, por sua vez, defendia a mudança permanente de todas as coisas, algo presente em muitos dos escritos platônicos). Nesta fase de vida quando tinha vinte anos, Platão viria a conhecer seu grande mestre e amigo Sócrates, o qual era quase quarenta anos mais velho que ele. Com a ajuda de seu novo mestre, iniciou-se verdadeiramente na filosofia por meio dos pré-socráticos. Sócrates era um questionador de consciências e grande crítico das ideias vagas, coisa que o discípulo aprendeu bem.

Platão assistiu de perto a morte de Sócrates, que foi condenado pelos governantes de Atenas, os quais o acusavam de corromper toda a juventude com seu pensamento questionador. Este pensamento era considerado criminoso, pois fazia com que muitos abrissem seus olhos para o que acontecia em sua pólis. Este evento causou grandes marcas no pensamento platônico, sobre o qual iria escrever a “Apologia de Sócrates”, “Críton” e “Êutrifron”, que estão entre suas maiores obras.

Depois da morte do mestre, Platão decide viajar primeiramente para a pólis de Mégara, onde ficou hospedado na casa de um grande filósofo chamado Euclides, que também fora discípulo de Sócrates. Entre suas ideias, Euclides pregava o Bem (sendo que o que era contrário a este, era ilusório ou inexistente) e o Uno. Este pensamento se fará muito presente nas teorias platônicas.

Com quarenta anos de idade, Platão foi a Magna Grécia, onde conheceu o rei Dionísio I (um tirano nascido plebeu, de Siracusa). Durante esta estada, tentou implantar algumas de suas ideias políticas, fato que o levou a ser expulso de Siracusa, voltando finalmente a Atenas.

Antes porém de voltar a Atenas, decide ir ao norte da África, onde conhece, na cidade de Cirene, Teodoro (que era considerado um grande filósofo e matemático). Suas pesquisas sobre números irracionais, astronomia, aritmética e sobre assuntos educacionais terão também um grande reflexo sobre os futuros escritos de Platão, incluindo “Apologia de Sócrates”, “Críton”, “Laquês” e “Lísis”:

Por volta de 387 A.C. retornou a Atenas, onde fundou sua própria escola filosófica, a Academia, nos jardins construídos por seu amigo Academus.

Essa escola foi uma das primeiras instituições permanentes de ensino superior do mundo ocidental. Uma espécie de universidade pioneira dedicada à pesquisa científica e filosófica, além de se tornar um centro de formação política. (COTRIM, 2002, p. 77)

Com a morte do rei Dionísio I (em 367 A.C.) e atendendo a pedidos de Dion, interrompe sua produção científica e o magistério, e retorna a Siracusa, com o intento de reformar a vida política da cidade. Platão enxergava esta cidade como a mais luxuosa do mundo grego, usando para isso os ideais descritos em “A República”. Visava ensinar ao jovem tirano da cidade sua visão e também refrear a expansão dos Cartagineses, quem sabe até os expulsando da Sicília. Contudo, o jovem Dionísio II não aceitou os conselhos do sábio e este acaba voltando a Atenas.

Em 361 A.C., o novo rei promete se entregar aos ensinamentos platônicos e à Filosofia. Assim, novamente por intermédio de Dion, o filósofo retorna à Siracusa, porém o rei não modifica em nada seu comportamento e ainda retém Platão preso na cidade. Este só é solto graças à intervenção de alguns amigos de Tarento e de Dion, que começava a organizar uma expedição militar contra o tirano.

Inicialmente, a campanha de Dion foi um sucesso, tendo livrado Siracusa da tirania, mas em pouco tempo a oposição começou a se fortalecer e Dion acabou traído e assassinado. Além deste choque, o filósofo recebeu outro, ao descobrir que o mandante do crime fora Calipos, que havia sido aluno da Academia.

Platão retorna a Atenas, vindo a morrer em 347 A.C. sem nunca mais ter abandonado seu ofício na Academia.

Linha do tempo

- 432 A.C. - Início da guerra do Peloponeso.
- 428/27 A.C. - Nascimento de Platão.
- 411 A.C. - Revolução oligárquica aristocrata tira os democratas do poder em Atenas e impõe o Conselho dos Quatrocentos.

- 404 A.C. - Liga do Peloponeso, liderada por Esparta, derrota a Liga da Hélade, liderada por Atenas, e tem início o governo dos Trinta Tiranos.
- 399 A.C. - Condenação de Sócrates à morte pela Assembléia popular de Atenas.
- 387 A.C. - Platão funda, em Atenas, a Academia.
- 384 A.C. - Nascimento de Aristóteles em Estagira, na Calcídica.
- 347 A.C. - Morte de Platão em Atenas.

2.0 – PENSAMENTO PLATÔNICO

2.1 – Mitos, teorias e ciência

Platão nos transmitiu muito de seu conhecimento e de suas teses através de mitos. Torna-se então indispensável entender o que é um mito, como ele era utilizado na Grécia Antiga e como o mestre se utilizava dos mitos.

2.1.2 – Os mitos e o pensamento filosófico

O mito só fala daquilo que realmente aconteceu do que se manifestou, sendo as suas personagens principais seres sobrenaturais, conhecidos devido àquilo que fizeram no tempo dos primórdios. (...) O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o...e pelo fato de o mito relatar as graças dos seres sobrenaturais e manifestações dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. (ELIADE, 2000, p.13)

Os mitos gregos surgiram quando ainda não existia a escrita. Eram transmitidos oralmente pelos aedos (que eram cantores ambulantes, os quais davam forma poética aos relatos da população para depois recitá-los em praça pública). Nesta época, não havia grande interesse pela autoria, então a grande maioria dos mitos era feita por coletivos de pessoas e de forma anônima. Em geral, eram tradições lendárias que procuravam explicar os mais diversos acontecimentos da vida por meio do universo sobrenatural. Não existem limites muito bem definidos, mas os mitos não podem ser confundidos com as lendas e nem com a religião, embora alguns mitos estejam intimamente ligados à religião.

O mito é um relato da origem de algo (por exemplo, um deus ou o mundo), sendo que para a sociedade que o criou ele é uma verdade. Por sua vez, a lenda é

um relato fantasioso que pode ser embasado em um fato real, mas contém aspectos inverídicos e a sociedade que criou a lenda sabe disso.

Homero foi um desses poetas, tendo sido autor de duas grandes epopeias: *Ilíada* e *Odisseia*. A primeira trata sobre a guerra de Tróia e a segunda, sobre o retorno do Rei Ulisses a Ítaca. No entanto, existem dúvidas sobre qual seria a época em que Homero viveu (ou até mesmo se ele existiu), já que a escrita das duas epopeias varia muito.

Foi importante a função didática das epopeias na vida dos gregos, por descreverem o período da civilização micênica e transmitirem os valores da cultura por meio das histórias dos deuses e antepassados, expressando uma determinada concepção de vida. Por isso, desde cedo as crianças decoravam passagens dos poemas de Homero. (ARANHA E MARTINS, 2003, p. 80)

A mentalidade mítica predominou nas sociedades de tradição oral, onde a escrita ainda não se desenvolvera. Note-se que *mythos* significa palavra. Vale lembrar que na Grécia desde o período micênico já existia escrita, só que esta era reservada aos escribas e aos governantes.

No período arcaico, começam a aparecer os primeiros filósofos gregos. Nesta fase, a Grécia sai da mentalidade mítica e entra para uma época de racionalidade e filosofia. A escrita (anteriormente dominada somente pelos escribas) passa a ser também dominada pelos filósofos. A linguagem poética dos mitos vai sendo trocada pela prosa dos textos pré-socráticos.

A cosmogonia de Hesíodo passa a ter rivais nas cosmologias dos pré-socráticos. Estes embasavam a origem do universo em experimentos reais e, desta forma, o *mythos* se separava do *logos* (razão).

Mesmo com a ruptura do *mythos* com o *logos*, ainda existe o uso de estruturas comuns entre os dois:

Embora existam aspectos de continuidade entre mito e filosofia, o pensamento filosófico é algo muito diferente de mito, por resultar de uma

ruptura quanto à atitude diante do saber recebido. Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. No mito a inteligibilidade é dada, na filosofia é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos, organiza-se em doutrina e surge, portanto, como um pensamento abstrato.(ARANHA E MARTINS, 2003, p. 84)

Com a definição básica do que é o mito e como ele surgiu e evoluiu na Grécia, pode-se então entrar na utilidade do mito na visão platônica.

2.1.3 – Finalidade pedagógica do mito

Platão recorre ao mito em vários diálogos, para tratar de problemas cruciais de sua filosofia. Diante da sistemática confiança que ele deposita no método dialético, não é sem propósito perguntar para que servem os mitos platônicos e com que objetivo o filósofo os utiliza. E, no que diz respeito à educação, em que medida o estudo dessa matéria traz alguma luz para a compreensão dos ideais de formação gregos. (BARROS, 2008, p. 25)

Antes de começar a explicar sobre o campo do mito, deve-se entender que, para Platão, a “*mythos*” e o mito podem ter significados diferentes. O primeiro pode ser qualquer história utilizada para descrever acontecimentos e aspectos desses, físicos e biológicos. Já mito, é contar uma história para representar ou descrever uma determinada realidade de forma, em geral, implícita.

A linguagem mitológica, em Platão, tem importância escatológica, teleológica e até mesmo teológica, na medida em que requer uma determinada concepção de divindade. Como ela é basicamente religiosa, a mensagem de cada mito platônico apresenta-se sobre a forma moral que se interioriza individualmente e faz o homem compreender o sentido de ser o fim próprio desse tal ser. Platão dizia que a linguagem mitológica é uma outra forma implícita e não totalmente literal de exprimir suas mensagens.(GOMES, 2006, p. 75)

A vida tinha demonstrado que políticos, tiranos, demagogos, etc., eram capazes de cometer grandes injustiças, por isso Platão levava em conta as primeiras teses sofistas sobre o contrato social, onde o indivíduo é útil e a *pólis* é útil ao indivíduo. Vendo por este ângulo, quando um indivíduo morre, a *pólis* morre um pouco também, mas isso quando este é útil para a cidade (quando não o é, prolongar a sua vida, seu sofrimento pelo fato de ser inútil, é prolongar o sofrimento geral). Como se verá mais à frente, o mestre acreditava que o governo deveria ser confiado aos melhores, principalmente pela meritocracia, onde os mais capacitados chegariam ao poder. As posições mais altas na sociedade deveriam ser conquistadas através do mérito, havendo sempre uma predominância dos valores associados à competência e à educação, garantindo assim, com estes valores, uma administração legislativa, judicial e executiva que conhecesse as leis e as respeitasse. Sendo assim, a única forma de se elencar à verdadeira aristocracia, governo dos melhores, seria através do preparo do indivíduo para assumir determinadas posições na sociedade. Este preparo se dava através da educação do sujeito e uma das formas mais fáceis de se passar ensinamentos a todos seriam os mitos.

Neste contexto, o mestre afirma o valor da educação, a qual ajudaria a moldar as almas e os corações para o respeito e a aplicação das leis. Diante desta situação surge o Mito de Er.

Platão conta sobre um guerreiro, Er, que foi morto em batalha. Após a sua alma desencarnar, ela viajou até chegar a um lugar com duas aberturas: uma para o Tártaro e outra para os Elíseos. Entre elas, estavam os três juízes do outro mundo: Éaco, Minos e Radamante, que decidiam em que porta cada alma deveria entrar. Os justos iriam para a abertura da direita, que levava aos Elíseos, os injustos iriam para a da esquerda, que chegava ao Tártaro.

A regra geral era de que cada alma pagasse sucessivamente todas as injustiças cometidas. Logo depois, seria deferida a pena: cada injustiça era paga dez vezes. Já os atos justos seriam igualmente recompensados.

Er observou então que os que já haviam pago os seus pecados voltavam à vida, passando por um lugar onde estavam as três filhas da Necessidade, as Moiras: Láquesis, Cloto e Átropos que teciam o destino dos humanos.

Um mensageiro dos deuses pegou vários modelos de vida e os colocou à disposição dessas almas, que já haviam pago os seus pecados e iriam voltar à vida, para que elas fizessem suas escolhas. Cada modelo de vida portava inúmeras armadilhas, portanto fazia-se necessário que as almas escolhessem bem qual seria seu novo caminho. Deveriam se desviar da ganância, luxúria e outros pecados, evitando assim os excessos da vida humana e sempre procurando o caminho da virtude.

Quando cada destino foi escolhido, as almas seguiram para o rio Lete, onde foram obrigadas a beber de sua água. A cada gole, a memória do que se tinha passado naquele momento ia se esvaindo. As que bebiam demais se esqueciam de tudo e as que bebiam pouco se lembravam de algumas partes do que tinha ocorrido ali. Na vez de Er tomar a água, muitos trovões ecoaram e ele foi impedido de o fazer, portanto não esquecendo o que se passou. Er acordou em sua pira e contou aos humanos o que se passou no outro mundo.

Este mito alicia o cidadão à prática do bem, pensando na recompensa ou com medo da punição. O mesmo mito explica, de certa maneira, que um homem injusto pode ser feliz em vida, porém no outro mundo a situação se inverte.

O mito de Er tinha uma grande força educacional na época, fazendo com que as pessoas pensassem duas vezes antes de qualquer ação, já que a verdadeira felicidade não se encontrava na vida terrestre.

Platão acreditava na existência do Bem em si, fonte de Verdade, e simultaneamente, verdadeiro destino da alma humana, por isso ele relacionava a ontologia (parte da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade, da existência dos entes e das questões metafísicas em geral. (...)) Em seu pensamento, o ser se torna simultaneamente Verdade e fim do Homem e é no Bem que ele se cumpre porque toda a realidade sensível é apenas um modo de aparência do Bem em si mesmo. (GOMES, 2006, p. 77)

Platão acreditava que todos os homens eram capazes de pensar, mas, conforme a educação recebida, poderiam ir para o bem ou para o mal. Assim sendo, o filósofo frisava que se dedicar à Filosofia não é procurar apenas a verdade, é também seguir o caminho da correção moral. Desta forma, os mitos se tornavam a chave que guiaria a uma correção moral. Segundo o mestre, a filosofia não era para todos, já que, conforme se verá mais à frente, os homens não são todos iguais e cada qual nasce com aptidões físicas e mentais que os ligam a diferentes funções sociais.

Todas as teorias principais de Platão tinham mitos para embasá-las, passando assim importantes lições e aprendizados aos humanos. Explicado um pouco do que é o mito, deve-se então seguir para suas teorias.

2.2 – Teoria das ideias

A Teoria das Ideias é desenvolvida através do Mito da Caverna. Para falar sobre este mito, usarei os quadrinhos criados por Maurício de Souza.

MAURICIO
APRESENTA

AS SOMBRAS DA VIDA

COM
PITECO



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 7: Capa

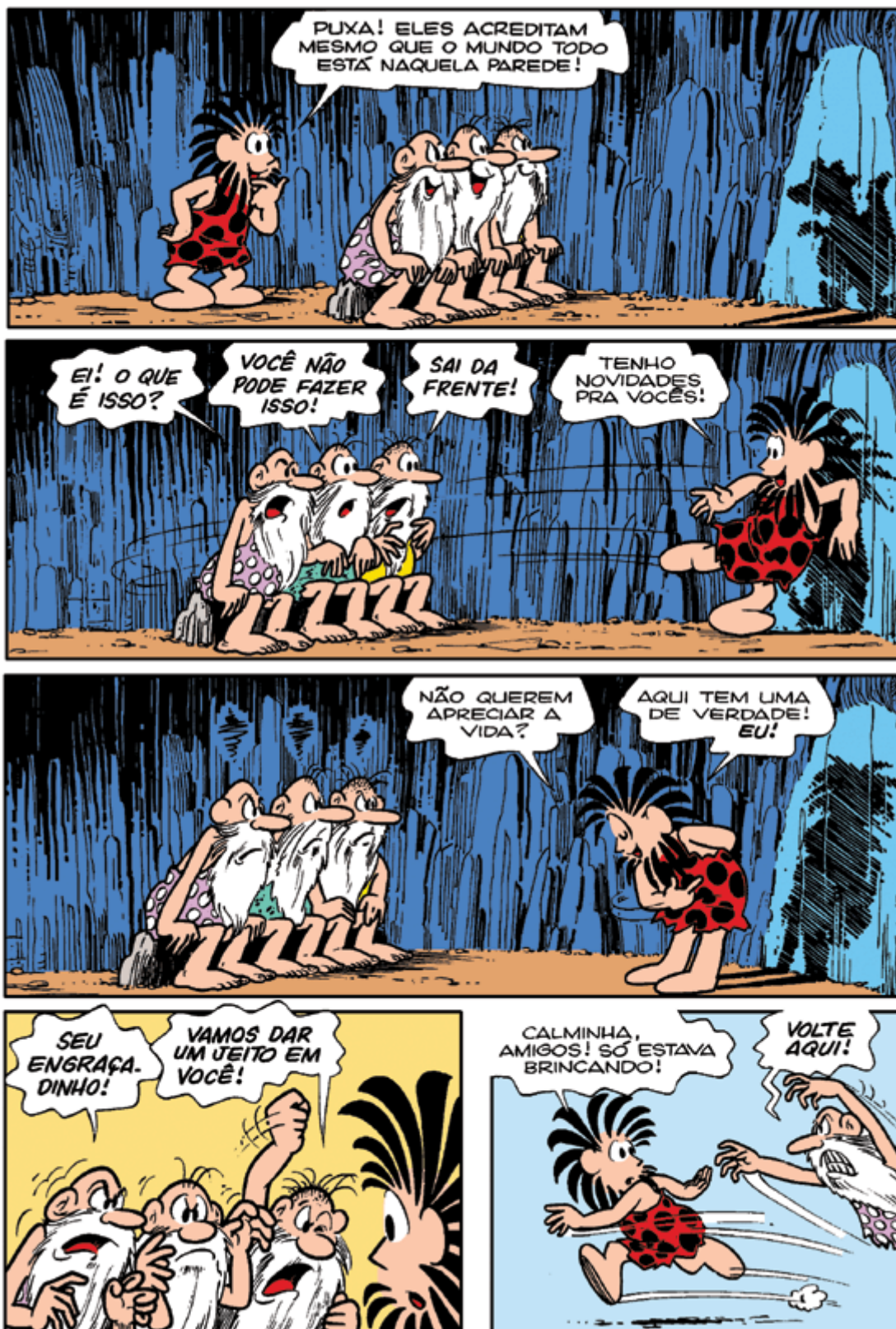
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/piteco/welcome.htm>



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 8: Primeira página.

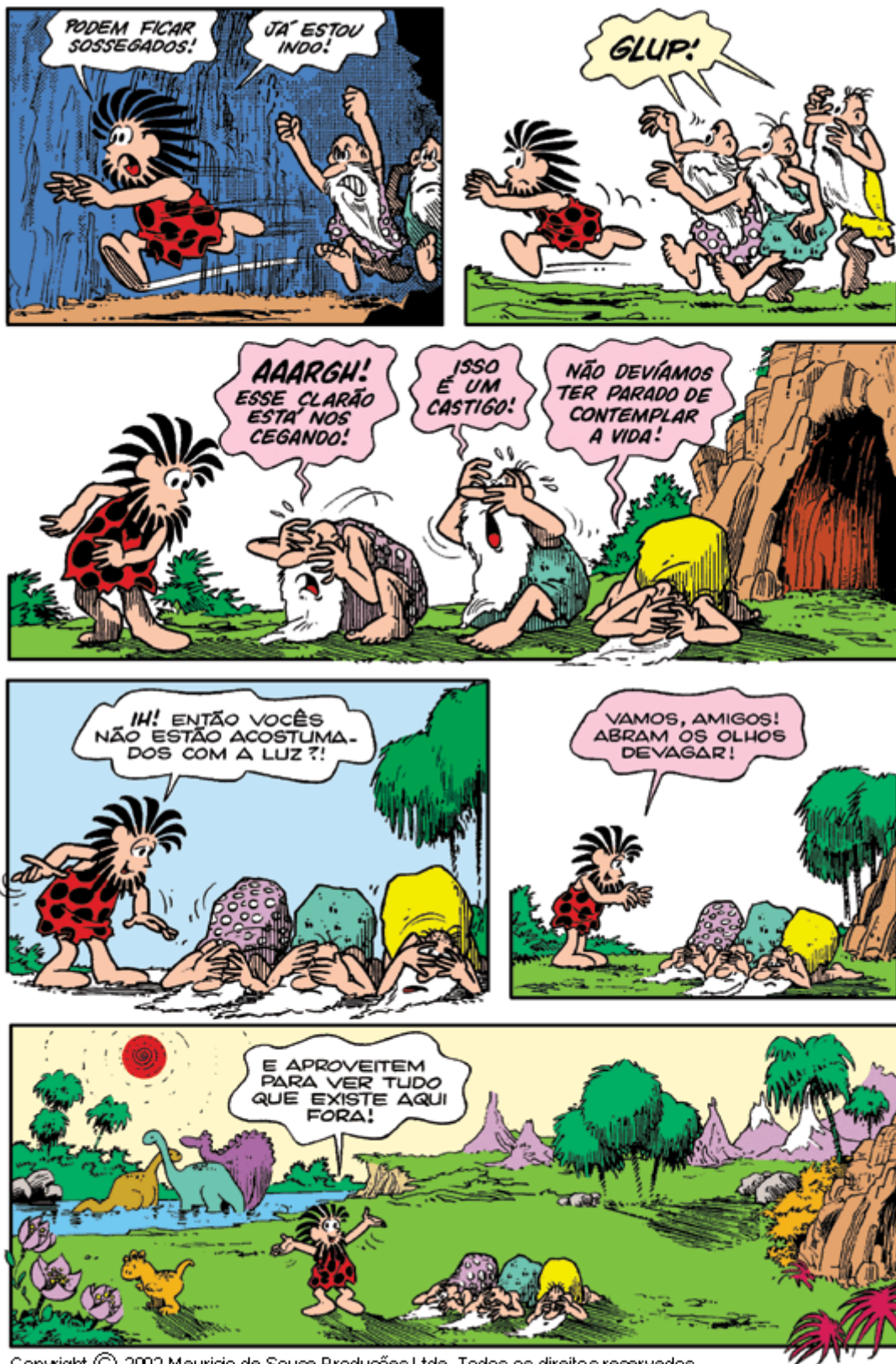
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/piteco/pag2.htm>



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 9: Segunda página.

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/piteco/pag3.htm>



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 10: Terceira página.

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/piteco/pag4.htm>



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 11: Quarta página.

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/piteco/pag5.htm>

Pode-se analisar o Mito da Caverna de forma epistemológica (que é relativa ao conhecimento) e de forma política (que é relativa aos aspectos do poder na *pólis*).

Do ponto de vista Epistemológico, percebeu-se que o ser humano está em contato permanente com dois tipos de realidade: as inteligíveis (mundo das ideias) e as sensíveis (mundo concreto). As primeiras correspondem à realidade, são concretas, permanentes e imutáveis. As sensíveis, o mundo dos sentidos, onde o ser humano habita, se referem a todas as coisas que afetam os sentidos dos homens. Assim, podendo ser dependentes da situação e mutáveis, elas se transformam em realidades inteligíveis. O filósofo pensava que o mundo sensível, este em que se vive, não passava de um mero mundo ilusório onde o reflexo do mundo das ideias iluminava tudo.

Absolutamente tudo o que pertence ao mundo dos sentidos é feito de um material sujeito à corrosão do tempo. Ao mesmo tempo, tudo é formado a partir de uma forma eterna e imutável. Para exemplificar a visão de Platão, considere um conjunto de cavalos. Apesar deles não serem exatamente iguais, existe algo que é comum a todos os cavalos; algo que garante que nós jamais teremos problemas para reconhecer um cavalo. Naturalmente, um exemplar isolado do cavalo, este sim "flui", "passa". Ele envelhece e fica manco, depois adoece e morre. Mas a verdadeira forma do cavalo é eterna e imutável. (GAADER,1990, p. 59)

O mundo inteligível, ou mundo das ideias, é onde se encontra a ideia do verdadeiro cavalo, a ideia perfeita. No mundo concreto, é onde se encontram as formas do cavalo, mas nunca o cavalo verdadeiro. Portanto, acima do mundo sensível, há um mundo de ideias gerais que, para ser atingido, faz-se necessária a contemplação e a depuração dos enganos, aos quais o humano é acometido no mundo sensível. Como as ideias são a única realidade, o mundo concreto, ou sensível, só existe enquanto participa do mundo inteligível, pois, segundo o filósofo, o mundo sensível é uma mera sombra do mundo inteligível.

Para Platão, há uma dialética que fará a alma elevar-se das coisas múltiplas e mutáveis às ideias unas e imutáveis. As ideias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a ideia do Bem, a mais alta em perfeição e a mais geral de todas: os seres e as coisas não existem senão enquanto participam do

Bem. E o Bem supremo é também a suprema Beleza. É o Deus de Platão. (ARANHA E MARTINS, 2003, p. 122)

Em tempos anteriores, existiam duas escolas de pré-socráticos portadoras de distintas teorias: a de Heráclito (em que se afirma que todos os seres sempre mudam e que isto é essencial para o ser) e a de Parmênides (que afirmava que tudo era imóvel e imutável). Platão alcança o meio termo perfeito quando fala sobre o mundo das ideias (que é imutável, como o ser descrito por Parmênides) e o mundo concreto (que se encaixa ao pensamento de Heráclito).

Através deste ponto, Platão enxerga também a Teoria da Participação. Esta é essencial para poder-se compreender o pensamento platônico e nela vê-se que tudo que há no mundo sensível deve sua existência ao mundo das ideias. Entretanto, nunca se deve esquecer que o que há de belo no mundo sensível nunca será o belo em si, pois este só se encontra no mundo inteligível.

O espírito em seu mais puro estado já teria contemplado o mundo das ideias. No entanto, ao entrar em contato com o corpo, a alma se degrada e de tudo se esquece (Platão afirma que o corpo é o “túmulo da alma”).

Depois do ponto de vista epistemológico, deve-se falar do ponto de vista político. O filósofo é aquele que saiu da caverna e já contemplou a luz, portanto a realidade deve sair do plano do “achar”, da opinião (*doxa*) e ir para a ciência (*episteme*). Quando este atingir a *episteme*, deve voltar à caverna e orientar os outros que ainda lá estão, assim se dá o surgimento da política.

A política surge da pergunta: como influenciar as pessoas que não vêem? A resposta está na tarefa do sábio, que deve ensinar e governar. Trata-se da necessidade de transformação das pessoas e da sociedade, desde que essa ação seja dirigida pelo modelo ideal contemplado. (ARANHA E MARTINS, 2003, p. 122)

É então, segundo a crença de alguns, dever de todo professor sair da caverna e procurar enxergar o mundo inteligível, pois só assim será possível auxiliar os alunos em direção ao verdadeiro conhecimento.

2.3 – Teoria da reminiscência e a dialética

Reminiscência (ou anamnese) significa lembrança. Para Platão, a alma vivia no mundo inteligível de onde se tinha o acesso à verdade absoluta do todo (o motivo pelo qual esta foi condenada a viver em um corpo no mundo concreto, portanto longe da verdade absoluta, é explicado no Mito da Parelha Alada).

Neste mito, a alma é comparada a um carro (“biga”, nos termos de hoje) alado: tudo o que o ser humano faz de bom fortalece suas asas e o que se faz de incorreto prejudica e afeta as suas asas.

Ao longo do tempo, o ser humano cometeu tantos erros que as asas das bigas aladas foram se enfraquecendo e perdendo a sustentação, caindo assim no mundo sensível. Depois de acordar neste mundo, a alma consegue apenas uma pequena lembrança do mundo das ideias. A Teoria da Reminiscência é importante para se compreender a forma da vida humana, pois apenas assim, através das lembranças, conseguiremos contemplar as ideias. Sendo assim, aprender é apenas lembrar aquilo que já contemplamos.

Por sua vez, a dialética é a arte da demonstração e a da refutação, tendo como objetivo buscar afastar as sombras das ideias puras (seria o caminho que a alma percorre entre o mundo sensível e o mundo inteligível). Segundo a maioria dos autores modernos, Platão dividia a dialética em dois métodos: o socrático e o metafísico, desenvolvido pelo próprio.

Os aspectos individuais que os sentidos humanos são capazes de captar não são nada mais que sombras, já os aspectos do mundo das ideias, estes sim, são dignos de serem analisados (através dos nossos juízos de valor, que surgem com o debate de ideias). Como dito anteriormente, a experiência humana apenas nos provoca lembranças, reminiscências. A imagem de um belo animal não nos dá a ideia de belo, pois esta já foi vista anteriormente pela alma humana quando permanecia no mundo das ideias antes de se unir ao corpo.

2.4 – A ciência em Platão

Como visto anteriormente, se o indivíduo fica envolvido pelos sentidos, permanece apenas com um conhecimento deformado de mundo (imperfeito no âmbito do sensível), iludido pelas aparências. Este tipo de visão nos leva à opinião (*doxa*) e nos afasta do verdadeiro conhecimento, que é a ciência (*episteme*), quando a alma sai do mundo concreto e vai ao mundo das ideias. Cabe ao filósofo compreender esse fato, sair do mundo obscuro e ir para a luz (o perfeito mundo inteligível).

Para se produzir o conhecimento é de vital importância o estudo da matemática. Isso porque ela é a única capaz de descrever as realidades não cobertas pelas sombras, de dissociar os sentidos da prática, uma vez que, na geometria, a figura sobre a qual se fazem os raciocínios não depende daquela do mundo concreto:

...os gregos têm uma tradição de estudo desinteressado da matemática, que também se aplica na astronomia e na música. Desde Pitágoras eram estudadas as relações proporcionais entre diferentes comprimentos da corda, bem como alterações de tensão ou espessura que mudam os sons emitidos pela lira. A matemática e a geometria são consideradas prelúdio da ciência que é a dialética, graças à qual o filósofo poderá chegar ao conhecimento. (ARANHA E MARTINS, 2003, p. 165)

Platão dava vital importância ao estudo da geometria, sendo um dos primeiros a aplicar a estereometria (cálculo do volume de sólidos). Anteviu que somente através da astronomia seriam os gregos capazes de utilizar corretamente o calendário para o controle das plantações.

A maior parte das teorias sobre o cosmo e também das teorias físicas e fisiológicas encontra-se no diálogo “Timeu”. Nele, Sócrates aparece conversando com o pitagórico Timeu e ambos descrevem desde a gênese do universo até a qualificação da natureza humana.

Platão relata que o universo é um ser vivo esférico, uno e indivisível. No centro de tudo se encontra a Terra (imóvel) e, em torno dela, giram o sol e o resto do universo, em movimentos circulares. Depois da gênese do universo, surgem os deuses, os seres alados, os aquáticos e os terrestres, estes são constituídos pelos quatro elementos (fogo, ar, água e terra). Os homens fazem parte dos terrestres. Por fim, Platão enfatiza a ligação do microcosmo humano com o macrocosmo.

Desta forma, o mestre aprofunda algumas das pedras fundamentais para o estudo da matemática, astrologia, biologia e mesmo da física quando narra a origem do universo segundo a sua visão.

3.0 – ÉTICA, PSICOLOGIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO

Praticamente todo o pensamento político, ético, psicológico e educacional de Platão se encontra em “República” e “Leis”, em estilo bastante poético. O texto se desenvolve em diálogos em que Sócrates, seu mestre, é o principal personagem.

Na obra “República”, há um diálogo com a definição platônica de ética. Sócrates pergunta a Céfalo qual seria o maior benefício que ele já obteve com a riqueza e este lhe responde que ela o permite ser honesto, generoso e justo. O grande mestre, aproveitando a deixa, pergunta a Céfalo o que ele entendia por justiça. Como nada é tão complexo quanto definir algo, Sócrates destrói todas as formulações sobre o que viria a ser justiça que os presentes lançaram, até que Trasímaco, um sofista presente à sala, levanta-se e responde a Sócrates:

Ouçã então – diz o irado sofista – Eu declaro que a força é um direito, e que a justiça é o interesse do mais forte. (...) As diferentes formas de governo fazem leis, democráticas, aristocráticas, ou autocráticas, visando a seus respectivos interesses; e essas leis, assim feitas por elas para servirem aos seus interesses, elas as entregam a seus súditos como sendo justiça e punem como injusto todo aquele que as transgredir. (PLATÃO, República, 2000, 338 a- e)

Observando hoje como são as relações de poder no mundo, nota-se que as palavras do sofista até hoje permanecem. No campo da política internacional, as nações mais poderosas impõem suas leis, regras e interesses aos países mais fracos, ou seja, a força (física ou financeira) sempre impôs a regra geral do jogo social. Então, a moralidade que se defende na academia atual seria aquela do mais fraco e não a do herói, de quem cresce, que reúne em si as qualidades mais apreciadas na Grécia antiga (a coragem e a inteligência). Esta moralidade que se defende hoje é exatamente contrária à do sofista.

A justiça é uma moralidade não para homens, mas para lacaios (oudegar andros all' andropodou tinos); é uma moralidade de escravos, não de heróis; as verdadeiras virtudes de um homem são a coragem (andreia) e a inteligência (phronesis). (DURANT, 1926, p. 36)

E como Platão enfrenta tal noção de ética? Inicialmente não se vê nenhum tipo de luta, apenas salienta que a justiça (que é filha da ética e da moral) é fruto da organização social e que deve ser analisado o contexto daquela sociedade:

Se, sugere ele, pudermos imaginar um Estado justo, estaremos em melhores condições para descrever um indivíduo justo. Platão se desculpa por essa digressão com base no fato de que, ao examinar a vista de um homem nós faremos com que ele leia, primeiro, letras grandes e depois pequenas; por isso, alega ele, é mais fácil analisar a justiça em grande escala do que na pequena escala do comportamento individual. Mas não precisamos ser iludidos: na verdade, o Mestre está unindo os dois e usa o argumento como uma costura. Ele deseja discutir não só os problemas da moralidade pessoal, mas também os problemas da reconstrução social e política. Ele tem uma utopia escondida na manga e está decidido a mostrá-la. É fácil perdoá-lo, pois a digressão forma o coração e o valor e seu livro. (DURANT, 1926, p. 37)

No diálogo “Timeu”, é definida a constituição perfeita e como ela deve ser aplicada. Nesta dita constituição, o cidadão não tem apenas uma única função. Dentre elas, a de guardar a *pólis* contra os que ousarem lhe causar mal, a de tratar de forma branda os governantes e a de não ter piedade com os inimigos do Estado.

Platão imaginou também uma cidade utópica chamada Callipolis (Cidade Bela) possuindo como base a sua constituição perfeita, em que cada ser é diferente do outro, portanto todos deveriam ocupar funções e posições diferentes no Estado. Posto isso, é visto que a educação do sujeito deveria ser transmitida pelo Estado no lugar da família e é estabelecida então uma sociedade onde não exista a família e a propriedade.

Mas por que essa utopia nunca foi estabelecida? Para Platão, os homens não se contentavam com uma sociedade justa, pois são gananciosos, ambiciosos, competitivos e invejosos. Tais características vão contra a ética e, sem ela, a justiça não pode existir.

Tal competitividade leva um grupo maior a dominar outros menores, resultando em guerra. Já o comércio e o dinheiro levam à criação de novas classes, que dominam as outras menos poderosas, nascendo assim uma burguesia que busca posição social através da riqueza e do consumo desenfreado. Quando a

riqueza é mal dividida, a política sofre mudanças: a aristocracia (governo dos melhores, segundo Platão) cede lugar a uma oligarquia plutocrática, em que os comerciantes e operadores financeiros governam.

Todas as formas de governo tendem a cair devido ao excesso de seu princípio. Em “Republica VII”, Platão descreve as formas de governo, as quais seriam a timocracia, oligarquia, democracia, demagogia e tirania. Cada um dos regimes tem um tipo de dirigente que é retratado de modo muito interessante mediante a descrição da sua paixão dominante. Assim, com relação ao timocrático, a ambição e o desejo de honrarias seriam suas fraquezas; ao oligárquico, a fome de riqueza; por sua vez, ao democrático, o desejo imoderado de liberdade; e, por fim, ao tirânico, a violência.

Por outro lado, a oligarquia seria a forma de governo em que o poder político está concentrado num pequeno número de pessoas. Essas pessoas poderiam distinguir-se pela nobreza e riqueza. Quando o oligarca se transformasse em ávido, avaro e demonstrasse ostentação despudorada de bens, isso levaria à inveja e à revolta dos pobres, residindo neste fato à fraqueza do regime oligárquico.

Com os mais necessitados desejando igualdade absoluta, liberdade de direitos e fim das hierarquias naturais e legítimas, gera-se o governo da multidão que, segundo o filósofo, só pode desembocar na desordem. Neste momento, um homem audaz poderia tomar o poder e instalar um regime tirânico (em que a violência seria desenfreada) ou um demagogo poderia assumir o governo.

A democracia jamais poderia funcionar, pois o povo que não dominava a ciência da política poderia ser facilmente enganado por um demagogo ou ser dominado por um tirano. Os valores igualitários da democracia também eram criticáveis, visto que cada pessoa tem seus valores pessoais (sendo uns melhores que outros) e, logo, ninguém pode ser igual:

Quanto mais Platão pensa nisso, mais estupefato fica e se sente diante da loucura de deixar ao capricho e à ingenuidade da massa a seleção dos dirigentes políticos – para não falar em deixá-los aos escusos estrategistas que servem aos ricos e que mexem os cordões oligárquicos por trás do partido democrático. Platão reclama que, enquanto em assuntos mais simples – como a fabricação de sapatos – achamos que só uma pessoa

especialmente treinada atenderá à nossa finalidade, na política partimos do pressuposto de que todo aquele que sabe conseguir votos sabe administrar uma cidade ou um estado. Quando ficamos doentes, chamamos um médico formado, cujo diploma é uma garantia de preparação específica e competência técnica. Não mandamos chamar o médico mais bonito ou mais eloqüente; muito bem, quando todo o Estado está doente, não deveríamos procurar o serviço e a orientação do mais sábio e do melhor? (DURANT, 1926, p. 37)

A fonte do problema político é a justiça, pois esta não é perfeita pela falta de ética. Para se compreender os problemas políticos e éticos, Platão fala que temos de compreender a psicologia humana, em suas palavras, “Tal homem, tal Estado” (República, 2000, 575 a – e). Não se deve esperar um Estado melhor se o homem não for melhor, fato que se analisa perfeitamente hoje na esfera política brasileira.

As características principais do ser humano são: o desejo (apetite, impulso e instinto e outras formas de desejo são exatamente a mesma coisa), a emoção (espírito, ambição e coragem) e o conhecimento (que é igual ao intelecto e a razão). O desejo tem sua fonte nas regiões baixas do ventre, a emoção se origina no coração e o intelecto tem seu pólo principal na cabeça.

Todo ser humano possui todas essas características, mas em grau variado. Alguns homens cobiçam demais, suas almas são inquietas e cheias de ganância, ficam sempre presos ao luxo e aos ganhos materiais como meta principal, nunca dão valor aos ganhos do agora, pois sempre pensam no porvir, logo estes controlam as indústrias e o comércio. Outros, que possuem em seu coração a fonte principal de sua estrutura psicológica, têm a coragem como sentimento primordial: não se importam tanto pelo motivo da luta e sim na luta em si, são combativos, seu gosto está na batalha e não nas atividades comerciais, assim estes homens fazem as forças armadas do mundo. E, por fim, há aqueles cujo intelecto é o principal mecanismo que os guia: estes gostam de poder meditar e compreender, possuem como principal fonte o conhecimento, são os filósofos, aqueles que devem exercer o poder.

Ora, assim como a ação individual eficiente dá a entender que o desejo, embora aquecido pela emoção, é guiado pelo conhecimento, no Estado perfeito as forças industriais iriam produzir, mas não governar; as forças

militares iriam proteger, mas não governar; as forças do conhecimento, da ciência e da filosofia seriam alimentadas e protegidas e iriam governar. Sem ser guiado pelo conhecimento, o povo é uma multidão sem ordem, com desejos desordenados; o povo precisa de orientação dos filósofos, tal como os desejos precisam da luz do conhecimento. (DURANT, 1926, p. 37)

Mas, então, o que se deve fazer para implantar este governo dos sábios? Platão defendia que todos que tivessem mais de dez anos de idade deveriam ser mandados para o interior, saindo assim da *pólis*, pois não se pode construir a utopia com seres humanos já contaminados pela falta de ética e pela corrupção.

Desde o início todas as crianças serão entregues ao Estado. A partir de então, terão oportunidades em plena igualdade para serem educadas, não importando raça, dinheiro ou poder da família. Não se sabia (e ainda não se sabe) onde encontrar um verdadeiro gênio, então é dever do Estado procurá-lo.

... a fim de evitar a cobiça e os interesses decorrentes dos laços afetivos, além da degenerescência das relações inadequadas. O Estado orientaria formas de eugenia para evitar casamentos entre desiguais, oferecendo melhoras condições de reprodução e, ao mesmo tempo, criando creches para a educação coletiva das crianças. (ARANHA E MARTINS, 2003, p. 223)

Nos primeiros anos, as crianças seriam alimentadas por amas de leite, as quais nunca saberiam quem seria seu filho. Dos três aos seis anos, as crianças deveriam participar de jogos educativos em jardins pensados especialmente para este fim (lá as crianças ficariam sob estrita vigilância).

Depois, aos sete anos de vida, a educação seria predominantemente física. Toda escola deveria ter um ginásio e um pátio para o recreio; esportes e brincadeiras dominariam o currículo com o intuito de se criar um ser humano em pleno vigor físico, tornado-se desnecessária a presença dos médicos. Vale lembrar que Platão recriminava a função competitiva dos jogos:

Segundo ele (Platão), a ginástica deveria regressar à sua forma original, incidindo exclusivamente em exercícios de caráter militar, desempenhada

tanto por meninos como por meninas, preparando-os para o combate. Em seu programa de jogos, o filósofo incluía a luta, as corridas a pé, os combates de esgrima, os combates de infantaria pesada e de infantaria leve, o arremesso de flecha com arco, a funda, marcha e manobras táticas, a prática do acampamento e a caça. Conforme seu pensamento, essa preparação militar deveria ocorrer nos ginásios e nos estádios públicos, sob a direção de monitores profissionais cujos honorários seriam pagos pelo Estado. (GOMES, 2006, p.91)

No entanto, só atletismo, ginástica e práticas militares não dariam certo, pois tornaria o homem muito unilateral, fazendo com que fosse impossível descobrir a natureza sensível do aluno. Neste intuito, a música deveria ser incluída:

Talvez a música resolva o nosso problema: através da música, a alma aprende harmonia e ritmo e, até, uma propensão à justiça; afinal 'poderá aquele que é harmoniosamente constituído vir a ser injusto? Não é por isso, Glauco, que a educação musical é tão poderosa, porque o ritmo e a harmonia penetram nos pontos secretos da alma, levando graça em seus movimentos e tornando a alma graciosa?'(401; Protágoras, 326). A música modela o caráter e, portanto, participa da determinação de questões sociais e políticas. (DURANT, 1926, p. 41)

Platão acreditava que a música não servia apenas para consertar o caráter: ela também poderia restaurar a saúde. Logo, pode-se citar seu diálogo "Cármides", sobre um sacerdote que curava mulheres histéricas tocando músicas alegres em sua flauta (ele acreditava, portanto, que o inconsciente poderia ser domado e acalmado através da música).

A música dá equilíbrio e alma ao corpo, mas seu excesso poderia ser tão prejudicial quanto o de exercícios físicos. O homem que se dedica somente ao corpo é um bárbaro, um animal em essência, porém o homem que se dedica demais à música se torna dissolvido e abrandado.

Entre os dez e os treze anos, a criança aprenderia a ler e a escrever para, assim, poder iniciar os estudos dos autores clássicos, geralmente em antologias em que os filósofos escolheriam o que faria parte destas.

Nesse processo, Platão apenas descartava o ensino dos poetas como Homero e Hesíodo porque acreditava que os mitos enfocados por eles pervertiam a criança, não ensinavam a virtude e davam uma ideia maliciosa das divindades. (GOMES, 2006, p. 92)

Com dezesseis anos, a música como prática individual deveria ser abandonada, seguindo apenas o canto coral e os jogos comunitários (lembrando que, nestes primeiros anos, ela ainda seria utilizada para ensinar conteúdos nada atrativos, como a matemática, ciência, história e etc.).

Ainda nesta idade, a matemática se tornaria umas das prioridades, deveria esta ser aprofundada em todos os níveis. Antigos pensamentos matemáticos egípcios inspiraram Platão a acrescentar aritmética, exercícios de cálculos e geometria, sempre ligados a preceitos da realidade (como já dito), tanto da vida de um modo geral quanto da navegação e dos exercícios militares.

Com as inteligências se desenvolvendo com muita liberdade e com os corpos fortalecidos pelo esporte, a cidade ideal ganharia uma base psicológica e fisiológica para as possibilidades de desenvolvimento.

Mas também deve ser proporcionada uma base moral; os membros da comunidade devem compor uma unidade; devem ficar sabendo que são membros uns dos outros; que devem uns aos outros certas amenidades e obrigações. Ora, já que os homens são, por natureza, gananciosos, ciumentos, combativos e eróticos, como iremos persuadi-los a se comportarem? Com o onipresente cassetete da polícia? É um método brutal, dispendioso e irritante. Há um meio melhor, que é o de dar exigências morais da comunidade a sanção de uma autoridade sobrenatural. Temos de ter religião. (DURANT, 1926, p. 42)

Uma nação não poderia ser forte sem que todos acreditassem em um deus, uma simples força cósmica, um laço vital entre os cidadãos. Deuses se fazem necessários, pois um ser humano normal não seria capaz de inspirar nos outros devoção, sacrifício ou confiança, mas um deus poderia. Do mesmo modo, quase tão importante quanto, é a necessidade de acreditar que alma é imortal, pois a esperança em outras vidas nos dá coragem para enfrentar todas as facetas da morte.

Entre os dezessete e dezoito anos, uma pausa seria feita nos estudos em virtude da necessidade do serviço militar.

Com vinte anos, seriam segregados os primeiros, os de alma de bronze, aqueles que, por terem a sensibilidade grosseira, deveriam cuidar do sustento financeiro e da subsistência material da cidade. Este primeiro exame seria imparcial e impessoal.

Os que seguissem no caminho da educação deveriam estudar por mais dez anos e daí se identificariam os que possuem a alma de prata, cuja coragem seria a principal virtude. Assim, caberia a eles serem auxiliares, assessores executivos e responsáveis pela manutenção da máquina militar da *pólis*.

Apenas restariam os mais notáveis, aqueles de alma de ouro, que seriam instruídos na arte de pensar, debater e dialogar, ou seja, a dialética. E quando tivessem trinta anos, estudariam a verdadeira fonte de toda a sabedoria: a Filosofia, pois só esta eleva nossa alma ao mundo das ideias.

Depois de cinco anos no estudo da filosofia, a educação formal dos alunos terminaria e, chegado o fim da teoria e o começo da prática, estes sábios seriam enviados à caverna do mundo real para conviver com os homens de negócio, com os militares. Este último teste duraria quinze anos, aqueles que não fossem infectados com as sombras da caverna poderiam, por fim, prosseguir.

Quando completassem cinqüenta anos, aqueles que tivessem passado por todas as baterias de provas poderiam assumir uma cadeira na suprema magistratura do Estado: a eles caberia o governo da *pólis*. Apenas estes teriam o conhecimento da política, possuindo como função mantê-la em bom funcionamento, assim como os mais sábios, pois a justiça só pode ser mantida e aplicada por quem conhece verdadeiramente as leis.

Automaticamente – sem qualquer hipocrisia de votos. Democracia significa perfeita igualdade de oportunidade, em especial na educação; não o rodízio de todos os homens comuns nos cargos públicos. Todo homem terá uma oportunidade igual de se tornar apto para as complexas tarefas da administração; mas só aqueles que tiverem provado seu tempero (ou, no nosso mito, o seu metal) e tiverem saído de todos os testes com a insígnia da capacidade poderão ser eleitos para governar. As autoridades públicas

serão escolhidas não por votos, nem por panelinhas secretas manobrando os invisíveis cordões da aparência democrática, mas pela sua capacidade demonstrada na democracia fundamental de uma raça igual. E nenhum homem irá ocupar um cargo sem um treinamento específico, e tampouco ocupar um cargo elevado se não tiver, primeiro, ocupado bem um cargo inferior. (PLATÃO, República, 2000, 514 – 5)

Este é o modelo de aristocracia que Platão defende: deve-se querer ser governado pelo que há de melhor, e não seguir aquele modelo hereditário e financeiro com o qual a maior parte do mundo está acostumada. A aristocracia defendida pelo autor seria democrática e isso só ocorreria através da educação. Nesta proposta, não haveria nenhuma espécie de casta, herança ou privilégio. O filho do governante poderia vir a ser um guerreiro e o filho do artesão poderia vir ser o governante, sendo assim feita uma eleição educacional em que as carreiras estariam abertas ao talento e não ao poder.

Pondo de lado todas as outras ocupações, os guardiões iriam ocupar-se de toda a gama de atividades ligadas à manutenção da máquina estatal, então deveriam cuidar do executivo, legislativo e judiciário ao mesmo tempo.

Os guardiões seriam protegidos por uma ampla classe de auxiliares e militares e se apoiariam, é claro, na classe financeira para a manutenção da economia. Esta última classe iria manter suas propriedades privadas, mas a indústria e o comércio seriam regulados pelos guardiões. Portanto, aqueles que possuísem mais de quatro vezes a riqueza da média da população deveriam entregar o excesso ao governo.

Assim sendo, Platão via a educação como solução viável para os problemas mais mordazes da humanidade. Com a educação perfeita se teria o humano perfeito e, com este, o governo perfeito, feito pelo melhores, sua dita aristocracia.

4.0 - A ACADEMIA

Originalmente, a Academia foi criada numa das partes mais bonitas de Atenas, um local dedicado ao grande herói Akademos. Foi fundada por volta de 387 A.C., logo após a primeira viagem de Platão a Siracusa. É dito que na época de sua fundação havia um altar dedicado a Eros, o deus do amor, em uma das entradas da escola. Este altar era ladeado por várias árvores e estátuas de heróis.

Dentro da área da Academia havia um dos três *gymnasium* (locais específicos de aprendizagem que eram designados como palestras ou ginásio. Embora as duas palavras não possam ser tidas como sinônimos, a distinção entre elas também não é muito clara) existentes em Atenas, além de uma palestra construída por pórticos ladeados por colunas e um complexo que compreendia um pequeno edifício com banheiros e outras zonas de diversos usos. (GOMES, 2006, p. 87)

Como Platão era um cidadão ateniense, ele poderia comprar pedaços de terra, logicamente não poderia adquirir toda a área pública da Academia, mas conseguiu um pequeno lote, onde construiu uma propriedade para si. Desta forma, pôde dar permanência física à sua instituição, permitindo que tivesse dimensão tanto pública quanto privada.

Platão foi astuto na escolha do local, pois poucos lugares na *pólis* eram tão prestigiosos, religiosamente falando. Alguns acreditavam que este local ajudaria a inspiração das musas, ainda se somando ao fato de haver uma palestra e um ginásio na localidade, regiões que tradicionalmente atraíam os jovens mais inclinados ao sucesso nos estudos.

Alguns registros indicam que nos aposentos de Platão havia dois quadros de seus grande mestre. Em um deles havia uma cena do diálogo de “Protágoras” e em outra parede havia uma pintura representando o diálogo de “Fedro” (relatos que mostram a eterna ligação com seu mestre).

A organização dos membros se dava em diferentes graus de desenvolvimento. Segundo a metáfora usada no *Index Academicus*, o papel de Platão na Academia é revelador: ‘agir como arquiteto e resolver problemas’(...). Portanto, parece que ele não foi só mestre ou um diretor do

seminário. Além de distribuir temas para pesquisa e ensaios, Platão também desempenhava o papel de um pensador individual, cujo discernimento e capacidade na formulação de um problema lhe permitia oferecer um conselho geral ou uma crítica metódica a outros pensadores individuais, que respeitavam a sua sabedoria e que podiam ser dominados pela sua personalidade, mas que se consideravam igualmente competentes para lidar com os detalhes dos mais diversos assuntos. (GOMES, 2006, p. 88)

Uma das principais inspirações de Platão para as linhas gerais de criação da Academia foi a Irmandade Pitagórica, que teve contato quando esteve na Magna Grécia. A instituição tinha uma estrutura que era unida pela amizade professores e alunos. Sobre suas normas não se tem muita certeza, provavelmente existiam horas de estudo e de descanso, além, é claro, de normas de convivência. Sabe-se que de dez em dez dias os alunos elegiam um representante que cuidava do bom funcionamento da Academia. Exames também não existiam, mas provas de maturidade.

A Academia foi uma das pioneiras de muitos métodos de ensino utilizados hoje em dia. Ao contrário dos sofistas da época (que ensinavam cada um em sua área), nesta instituição já havia um corpo organizado de conhecimentos a serem ensinados.

Platão lecionava em duas áreas diferentes da Academia: no ginásio e no jardim, sendo as lições mais importantes ministradas no primeiro (o jardim era usado para as discussões com os alunos mais antigos). Utilizavam-se ainda festins e banquetes aos deuses para propiciar ocasiões mais favoráveis a discussões.

Era comum na Academia se contemplar as definições matemáticas e falar sobre as diversas questões da metafísica (por vezes o mestre formulava questões de cálculos para seus alunos resolverem).

Com a morte do grande mestre, assumiu o comando da Academia seu sobrinho Speusipo que, graças a seu temperamento difícil, provocou o afastamento de outros mestres entre os quais Aristóteles que fundou sua própria escola.

5.0 – A INFÂNCIA

Agora que já se falou sobre os princípios básicos da política, psicologia, ética e educação de Platão, tem-se uma base para analisar a criança sob sua ótica. Isso porque a criança é a chave da mudança na *pólis*.

Quase todos os filósofos gregos do período clássico, época de Platão, deram grande importância à arte de educar. Sabe-se, como já dito anteriormente, que os sofistas eram educadores e que recebiam para isso, embora com poucas fontes relata-se que muitos deles criaram teorias sobre a importância do educar.

Platão em “Leis”, sua última obra, afirma também que é impossível não pensar na educação dos pequenos (caso se aspire a um futuro razoável para a *pólis*). Assim, tendo em vista este pensamento, o mestre desenhou um formato específico de infância.

Platão começou a observar a degradação em Atenas e a refletir sobre como reverter este processo. Como já dito, o filósofo via como estavam diretamente ligadas as qualidades da pessoa às da *pólis*. Assim sendo, elas deveriam ser ensinadas aos jovens para que eles as cultivassem e assim ajudassem o conjunto.

Como enfrentar o problema da degradação dos jovens? O que fazer para canalizar as melhores naturezas para os melhores projetos políticos? A chave de interpretação de Platão para explicar o problema é educativa: esses jovens se corromperam porque não receberam a atenção e o cuidado que merece quem se dedicará a governar o conjunto. Sua aposta para resolvê-lo também o é: é necessário pensar outro cuidado, outra criança, outra educação, uma experiência infantil da verdade e da justiça, que preserve e cultive o que nessas naturezas há de melhor e o ponha a serviço do bem comum. (KOHAN, 2003, p. 28)

Platão não analisava a infância como sendo necessária por si própria: ele acreditava que a importância dela residia no que a criança se tornaria quando adulta e, uma vez neste nível, como ela poderia influenciar a *pólis*.

“Os diálogos de Platão não estão alheios ao sentido mais primário de infância, que é associado a uma etapa primeira da vida humana. Como tal, eles se valorizam em função de seus efeitos na vida adulta. Fazendo-se eco de um ditado popular, ‘Crítias’ afirma no *Timeu* que é admirável como permanecem na memória os conhecimentos aprendidos quando se é criança. Na *Apologia*, Sócrates diz temer muito mais aqueles acusadores que foram convencidos quando eram crianças de que ele era um sábio que se preocupava com as coisas celestes e subterrâneas e que fazia mais forte o argumento mais débil de que aqueles que só foram convencidos daquelas acusações na vida adulta.

Não se trata de que, para Platão, a natureza humana se consolide e se torne imodificável a partir de certa idade. O discurso que Sócrates profere sobre o amor no *Banquete* ouvido de uma mulher, Diótima de Mantinéia, alerta que ainda que dissermos que as pessoas são as mesmas desde que nascem até morrerem, na verdade se gera uma nova pessoa (nova criança) a cada momento.” (KOHAN, 2003, p. 34 – 35)

Como dito anteriormente, Platão sempre se preocupou com a educação da criança, arquitetando em seus pensamentos o sistema de aprendizado ideal para elas, refletindo sobre como formar o cidadão justo e ético, corrigindo-lhe praticamente todos os males.

Como já se sabe, os primeiros momentos da infância são os mais importantes para a formação dos cidadãos, por isso mesmo o filósofo proibiria dentro de seu sistema educativo qualquer relato que possuísse mentiras e valores desvirtuados daqueles que se esperava deles no futuro. Deve-se então pensar a vida como uma cadeia seqüencial, um eterno devir, pois o futuro nada mais é que os frutos das ações implementadas no passado. Logo, os primeiros passos dos pequenos devem ser os mais bem cuidados, pois estes irão produzir marcas praticamente eternas em seu futuro como cidadãos políticos.

Inicialmente, enxerga-se a infância como algo muito bom e perfeito, pois ela possui a chave da mudança para o melhor, para a perfeição. No entanto esta mesma potencialidade pode se transformar em algo não tão bom, se mal cuidada.

Junto com a visão de infância como raiz do futuro, tem-se em Platão outra: a dessa fase como inferior à adulta, tanto física como espiritualmente.

As crianças são definidas como seres incapazes de ficarem quietos com o corpo e com a mente, sempre gritando e pulando sem a harmonia que é natural em adultos. Elas, portanto, deveriam ser sempre seguidas por um preceptor que teria

como papel ajustar suas condutas e colher nelas o que há de mais aprimorado. Sua inteligência indomada deve ser sempre canalizada para atividades que fortaleçam o caráter.

O Ateniense estipula que uma criança, enquanto homem livre que será (no futuro), deve aprender diversos saberes, e enquanto escrava que é (no presente), pode e deve ser castigado por qualquer homem livre que se encontre com ela. Assim descrita a natureza infantil, sua criação e sua educação buscará acalmar esta agitação e desenvolver seus potenciais em ordem e harmonia. (KOHAN, 2003, p. 43)

Ela também é ligada a outros estados considerados inferiores como a embriaguez. Platão afirmou que, quando uma pessoa se embriaga, perde todas as memórias, opiniões e harmonia nos movimentos, estando assim no mesmo estado de quando era pequena. Neste momento, observa-se mais uma denotação negativa da infância.

Platão afirma que na infância não se tem o mínimo conhecimento, não se sabe nada sobre o mundo e, portanto, as crianças são sempre associadas ao engano e ao contraditório.

No âmbito da legislação, Platão afirmava que uma criança só poderia servir de testemunha de um assassinato se um adulto se responsabilizasse por ela em caso de perjúrio. Em relação a seus direitos, o filósofo dizia que se um pai desejasse afastar seu filho do seio da família, este teria o direito de ser escutado por um conselho. Assim, caso a maioria da família concordasse em mandá-lo embora e nenhum cidadão se oferecesse para criá-lo, ele iria para uma colônia.

As crianças, na Grécia Antiga, eram vistas como chaves para o futuro, mas ao mesmo tempo como incrivelmente inferiores, no sentido de seu conhecimento e de sua coordenação, seria isso muito diferente do que realmente são?

6.0 – ATUALIDADE

Diante do exposto, há a necessidade de avaliar o que Platão deixou, o quê de seu longo pensamento vigora até hoje e quais de suas ideias podem ajudar o mundo na atualidade.

O mito como forma de análise da sociedade, hoje em dia, não é mais tão utilizado. No entanto, a linguagem de contos permanece, pois as crianças ainda aprendem alguns, como o do Saci Pererê ou o do Negrinho do Pastoreio, já que em ambos estão presentes ensinamentos ancestrais da sociedade brasileira. Através de tais lendas e contos, mensagens de honestidade, civilidade e piedade são transmitidas aos pequenos. Não apenas no folclore brasileiro encontramos esta linguagem educativa, vê-se esta muito presente também nos desenhos que são embasados em contos de Hans Christian Andersen ou dos irmãos Grimm (claro que estes mais voltados à cultura europeia, mas também tinham por finalidade transmitir ensinamentos).

Vale lembrar que as lendas e os contos não podem ser considerados mitos. As lendas e os contos são histórias fantásticas que possuem origem histórica narrando feitos de heróis, personagens sobrenaturais, fenômenos naturais, vida de santos, etc. Por sua vez, os mitos são histórias que apresentam um fato natural, histórico ou filosófico, funcionando como ponto de equilíbrio entre o sagrado e o profano. Os mitos têm os deuses e seres sacros como tema, enquanto que as lendas se embasam em homens e animais.

Platão viu a necessidade de se usar o mito como forma de alçar o conhecimento a todos, pois a mais “ignorante” das pessoas pode compreendê-lo. Em sua época, Atenas se encontrava inundada por corrupção, inadequação governamental, maldade e vilanias, então a forma ideal de se ensinar os valores foi o mito. Na atualidade, não é muito diferente, pois, como já dito, a linguagem dos contos é utilizada para ensinar os pequenos, e até mesmo os grandes, valores. Isso faz com que se pergunte, atualmente, que subsídios, que métodos norteiam o comportamento moral desta sociedade?

Os valores, tão decadentes em Atenas, continuam em baixa nos dias atuais, talvez estejam até em situação pior, não se sabe. A falta de moral, preparo e vontade domina o cenário político. Já antigamente, o mestre viu como solução para tudo isso a boa educação, que ensinaria os conhecimentos e valores necessários para a boa governança e vida na *pólis*.

Por sua vez, a educação deveria ser para todos (este valor é dominante até hoje, visto que, quando se pega a Constituição do Brasil, ele está lá escrito), porém, infelizmente, ainda não são todos que podem alcançá-la. Com relação ao nível de riqueza, por exemplo, a educação mostra-se distinta: o Estado, ineficiente em dispor de uma educação de qualidade para todos, faz com que os mais afortunados (às suas próprias custas) estudem em boas instituições. Desta forma, o filho do rico tem mais acesso ao ensino de qualidade que o filho do pobre. Com este círculo vicioso, o rico chega às melhores posições sociais, enquanto que o pobre se vê, eternamente, na mesma posição subalterna.

Cada vez mais, as pessoas se tornam prisioneiras em suas casas, devido à insegurança e vários outros fatores. Com isto, o ser humano se torna amigo da televisão e dos meios de mídia de massa. Estes são geralmente controlados pela elite econômica, a qual se utiliza deles para transmitir “ideias empacotadas” à população. O cidadão está cada vez mais em um mundo de sombras, onde o seu conhecimento e suas opiniões são moldados pelos interesses de quem manda. Neste novo mundo, cabe à população procurar outros meios de informação para sair deste controle imposto.

Muitos acreditam que o professor é quem mais deve procurar sair desta situação, pois ele é quem orienta seus pupilos. Então, se este se encontrar nas sombras, dificilmente guiará seus alunos para fora delas. Por outro lado, se ele não for dominado, poderá guiar todos para o dito verdadeiro conhecimento, saindo das ilusões e passando a enxergar, assim, a realidade que está escondida (desta forma lutando contra os desmandos e a falta de honestidade dos governantes; o domínio imposto pelos poderosos; e a politicagem dos demagogos e dos tiranos).

Esta visão platônica de educação como salvação, ajudando a sair das sombras da ignorância (passando a ver a realidade escondida), nos faz pensar qual

seria o objetivo primário de toda mudança na educação. Assim, o filósofo mostra que este seria a criança, pois ela é a chave de toda mudança e do bom futuro, já que não se encontra viciada nos velhos hábitos, portanto, quando se investe na criança, investe-se no futuro. Este conceito não é muito diferente do que se prega na atualidade, em que se vê na televisão (e em outros meios) muitas mensagens dizendo que elas são o futuro, pois, de fato, não o são? Entretanto, por que a chave do futuro ainda é vista como símbolo de inferioridade muitas vezes?

Talvez o mestre tenha visto mais à frente nesta questão da infância. Em sua época não existiam grandes estudos da psique humana, por isso pode-se inferir que Platão tenha observado que a criança ainda não tinha o seu ego totalmente formado e, por isso, necessitava de ajuda em sua criação.

Há, ainda, uma inquietação: neste mundo onde, como já dito, a mídia domina as massas, existe ou existiu uma verdadeira democracia? Existe alguma democracia de fato? Acredita-se que a massa é dominada e levada a votar nos interesses dos poderosos, fazendo com que muitos povos se encontrem sob jugo de tiranos que, muitas das vezes, foram eleitos através de uma dita democracia. Seria este o melhor sistema de governo ou seria aquele que o mestre nos ensinou? Este trabalho não visa responder tal pergunta, mas de certo o autor se indaga sobre o que é de fato a atual democracia e se ela uma dia será perfeita. As respostas são poucas, mas é certo que o avanço da democracia deve-se ao da educação e o mestre Platão anteviu isto.

7.0 – CONCLUSÃO

Tendo visto uma expressiva parte do pensamento platônico, deve-se partir então para as conclusões em relação ao tema. O sistema de educação pensado por Platão é, de fato, muito interessante, pois reflexos dele se vêem na atualidade. No entanto, ao avaliar a obra do filósofo, é indispensável se atentar ao fato que de ele viveu há mais de dois mil anos atrás (época em que, embora a sociedade grega possuísse muita similaridade com a atual civilização, ainda assim, muitos de seus hábitos eram diferentes dos atuais e, portanto, o que pode nos parecer absurdo, naquele contexto não o era).

Em sua visão de infância, a criança é a chave do futuro, mas ao mesmo tempo é relegada a um papel secundário na sociedade (esta visão de Platão é a mesma dos dias atuais, embora alguns afirmem que a criança é sujeito de direitos e produtora de conhecimentos). A chave do futuro deve ser preparada para tal função, portanto necessita da educação.

Inicialmente, a educação começaria por separar os filhos de suas famílias, pois, teoricamente, eles já estariam contaminados pelos sentimentos da velha vida decadente e, portanto, nunca conseguiriam mudar. Nos dias atuais, torna-se quase impossível desvincular a criança de sua família, pois soa meio desumano pensar em separar pais e filhos. Estudos atuais mostram que grande parte dos ensinamentos que a criança recebe é proveniente do seio família, sejam eles bons ou ruins. No entanto, sabe-se também que não é porque uma família não é “boa” que os frutos gerados dela não o serão, então muito do que molda o caráter não advém apenas da família, mas também da sociedade.

Sabe-se hoje que, com afeto, um ser humano (adulto ou criança) pode aprender muito mais. Isso nos leva a pensar se, em uma sociedade onde os pais não conhecem seus filhos (onde o amor de pai para filho não existe), os cidadãos teriam afeto uns com os outros, sobretudo com as crianças em fase de aprendizado. Acredita-se que não.

Em toda a sua infância, o cidadão seria envolvido em atividades atléticas (para lhe moldar a saúde) e música (para lhe moldar o caráter). Em sua grande visão, o mestre já sabia que o ócio pode ser o pior inimigo da humanidade. Assim, ele acreditava que através do exercício físico não seriam necessários mais médicos. Contudo, hoje, com a tecnologia, sabe-se que isso não é totalmente verdade, pois já se sabe que existem questões genéticas. Jogos em grupos podem servir para ensinar regras e trabalhos em equipe, e estas qualidades de fato ajudam no futuro de uma *pólis* ou de uma nação, pois estas são grandes grupos, em que todos devem cooperar uns com os outros e seguir a legislação vigente. Quando foi dito sobre a música para moldar o caráter, esta, se bem utilizada, serve realmente para acalmar os ânimos (quando em grupo, serve também para auxiliar na cooperação com o próximo). Entretanto, a música seria realmente, em conjunto com a prática atlética e com o ensino de moral, capaz de moldar o caráter de um bom cidadão? As pessoas só sofrem mudanças por meio da sociedade? Para a primeira pergunta, a resposta é não: mesmo em uma *pólis* onde não haja a família, o contato social faria pessoas diferentes, até se fossem educadas de forma igual.

Os esquimós constroem suas casas (iglu) cortando blocos de neve e amontoando-os num formato de colméia. Por dentro, a casa é forrada com peles de animais e com o auxílio do fogo conseguem manter o seu interior suficientemente quente. É possível, então, desvencilhar-se das pesadas roupas, enquanto no exterior da casa a temperatura situa-se a muitos graus abaixo de zero grau centígrado. Quando deseja, o esquimó abandona a casa tendo que carregar apenas os seus pertences e vai construir um novo retiro.

Os lapões, por sua vez, vivem em tendas de peles de rena. Quando desejam mudar os seus acompanhamentos, necessitam realizar um árduo trabalho que se inicia pelo desmonte, pela retirada do gelo que acumulou sobre as peles, pela secagem das mesmas e o seu transporte para o novo sítio.

Em compensação, os lapões são excelentes criadores de renas, enquanto tradicionalmente os esquimós limitavam-se à caça desses mamíferos. (KEESING, 1961, p. 184-185)

O comentário de Keesing serve para demonstrar que, embora o ser humano viva em condições iguais (como no caso dos esquimós e lapões), ele pode desenvolver hábitos totalmente diferentes. Então, mesmo com uma educação igual em um ambiente igual, provavelmente resultados muito distintos dos esperados

surgiriam. Platão sabia disso, tanto é que separou os homens em categorias. Mesmo assim, a formação do caráter e da honestidade (em alguns indivíduos) nem sempre aconteciam de acordo com o planejado.

Quando é descrito o sistema de educação platônico, fala-se de segregações, seleções, em que os agricultores, comerciantes, militares, auxiliares administrativos e filósofos seriam escolhidos. Estas escolhas seriam realizadas através de testes em que não haveria favoritismos de espécie alguma. De fato, existem pessoas com qualidades e vontade para o exercício de determinada função. Alguns acreditam que isso é nato, genético; outros, que isso acontece com a evolução, com o crescimento (o autor desta monografia acredita na segunda hipótese). No entanto, um teste não deve determinar a vida inteira de uma pessoa, pois mudanças podem ocorrer, qualidades podem aparecer no decorrer do tempo. Assim sendo, como fazer uma perfeita separação de pessoas tendo como base alguns testes? Mesmo que fosse um perfeito método de avaliação contínua, seria impossível fazer uma seleção perfeita, pela qual o futuro de uma pessoa seria decidido, pelo simples fato de que o ser humano está em constante mudança.

A educação faz uma ligação direta com o Mito da Caverna, em que o grande mestre disse que o verdadeiro filósofo é aquele que sai do mundo sensível e alcança o mundo das ideias. Logo, o mundo sensível é apenas uma sombra do mundo das ideias, ou seja, só enxerga a realidade quem alcança o mundo das ideias. Este pensamento é vital para o atual estado da educação, pois o bom professor é aquele que é capaz de enxergar a realidade (a verdade) e discuti-la com seus alunos. No entanto, deve-se perguntar: existe uma verdade única? Uma pergunta difícil para os dias de hoje.

O mundo das ideias é também onde encontramos a verdadeira forma de todos os objetos. Neste ponto, surgem duas lógicas: a do mestre e a de seu discípulo (o mestre Aristóteles), este bate de frente com aquele, mostrando-nos que não existe uma ideia que seja única.

Tal como os filósofos anteriores, também Platão queria encontrar algo eterno e imutável no meio de todas as transformações. Deste modo, encontrou as ideias perfeitas, que são superiores ao mundo sensível. Além

disso, para Platão, estas ideias eram mais reais do que todos os fenômenos na natureza. Primeiro, vinha a ideia "cavalo" - em seguida, todos os cavalos do mundo sensível, que galopavam como cópias na parede de uma caverna. Logo, a ideia "galinha" veio antes da galinha e do ovo.

Aristóteles achava que Platão tinha posto tudo às avessas. Estava de acordo com o seu professor em que o cavalo particular "flui", e que nenhum cavalo vive eternamente.

Também estava de acordo em que a forma do cavalo é em si eterna e imutável. Mas a "ideia" cavalo é, para ele, apenas um conceito que nós homens formamos, depois de termos visto um determinado número de cavalos. Para Aristóteles, a "forma" cavalo consiste nas características do cavalo - diríamos hoje na "espécie" cavalo. (GAADER, 1991, p. 74-75)

Outro aspecto muito importante da obra platônica é a sua descrição da realidade política de sua *pólis*, pois ela é extremamente atual. Em seus diálogos, ele nos mostra como a sociedade de Atenas estava cada vez mais decadente: a moral havia acabado, as grandes famílias dominavam tudo, os mais pobres (por mais inteligentes que fossem) não tinham a possibilidade de subir e a corrupção se espalhava. Logo, a *pólis* não era muito diferente do atual estágio político desta nação. A democracia, segundo o filósofo, era um ledor engano, pois ela abria caminho para os demagogos e os tiranos, os quais se aproveitavam da ignorância e inocência da população para tomarem o poder. O resultado disso já é bem sabido por todos. O mestre é plenamente a favor do governo dos melhores, a aristocracia, em que os mais preparados assumiriam o poder (note-se que estes, além de mais preparados intelectualmente, também o seriam moralmente), fazendo com que se obtivesse um governo perfeito, justo e capaz.

Mas em um sistema de educação que não leva em consideração a mudança das pessoas, isto resultaria diretamente na escolha do governo. Afinal, quem garante que, depois de muitos anos de estudo, o dito filósofo não se convenceria de que é melhor que os outros, formando, portanto, uma tirania? Ou que aquele que foi escolhido como comerciante não poderia vir a se tornar um grande governante, pois a vida lhe ensinara muitos conhecimentos? São grandes as perguntas que se lança. Sabe-se que o sistema proposto pelo mestre também não era perfeito, mas que, se fosse levado ao pé da letra, seria sim um estado melhor que o atual, mais eficaz e honesto. Entretanto, o mundo atual não nos abre para tais possibilidades.

Nesta nação de tantos problemas, como solucioná-los? Como atingir o governo perfeito, formado pelos melhores? A leitura de Platão pode indicar algumas pistas aos pedagogos para pensar a educação.

Parte 3: Perspectivas, glossário e referencial bibliográfico.

"O erro dos métodos tradicionais é o de partir de textos de escritores para pretender ensinar a língua. No princípio são sempre necessárias a expressão e a criação pessoais. Só quando um (aluno) autor escreve um texto ou um poema que teve a honra de ser escolhido pela classe e que foi imortalizado pela impressão, quando tem que enfrentar as mesmas dificuldades defrontadas pelos escritores e poetas, quando tem a consciência das suas insuficiências e dos seus êxitos, só então é que ele aprecia verdadeiramente a obra dos outros". (Célestin Freinet)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Sempre quis ser professor. A perspectiva de poder trabalhar com a educação me encanta, mas, devo confessar, que desde que entrei no curso soube que nunca seria professor de educação infantil, pois não tenho aptidão para isso. Pensando nisso, a primeira meta que me impus, assim que comecei a cursar Pedagogia, foi fazer um mestrado, para poder lecionar no ensino superior.

Antes eu não tinha uma ideia de que pesquisa eu desenvolveria em minha pós, mas agora penso em associar as tecnologias de comunicação, como a internet, com a Filosofia. Pretendo refletir em como a internet liga áreas do conhecimento que na academia não se comunicam; qual o papel do professor num mundo onde essas áreas se integram (assim gerando outras) e onde o aluno pode aprender o que quiser, pois tudo está ao seu alcance.

Enquanto estiver cursando minha pós (pois acredito que eu vou conseguir ser aprovado em uma), pretendo trabalhar com gestão escolar, já que esta é uma área que também me agrada. Espero poder encontrar um bom colégio e assumir uma posição administrativa assim que me formar.

GLOSSÁRIO

Academus ou Akademus: Grande herói mítico.

Aedos: Era, na Grécia, uma variedade artística que cantava as grandes epopéias.

Andreia: Coragem, valentia, relativo a vigoroso.

Aretê: É uma palavra que expressa excelência. Na Grécia, aretê significava também coragem e força, e era uma virtude a que todos aspiravam. Aretê foi também importante elemento na paideia grega, o conceito de educação para a formação de um cidadão capaz de desempenhar várias funções na sociedade.

Ariston: Primeira refeição do dia para os gregos antigos, almoço.

Atenas: Principal cidade-estado da Grécia, terra natal de Platão.

Átropos: Uma das três Parcas, ou Moiras, que controlavam o destino dos seres humanos. Representava o futuro.

Callipolis: Cidade Bela. Platão cria, em sua mente, uma cidade que não existe, mas que deve servir de modelo às cidades reais.

Cnossos: Antiga cidade da ilha de Creta. Atualmente, é um dos maiores sítios arqueológicos da Grécia.

Caos: Divindade primordial. Representa o abismo profundo, o grande vazio que antecedeu o surgimento do universo.

Cloto: Uma das três Parcas, ou Moiras, que controlavam o destino dos seres humanos. Representava o passado.

Codros: Último rei de Atenas reinou de 1090 a 1069 A.C.

Cosmogônico: Relativo à origem do universo.

Crátilo: Foi discípulo de Heráclito, levou ao extremo o conceito de seu mestre sobre fluxo, afirmando que não se pode mergulhar duas vezes no mesmo rio, nem mesmo

no mesmo banho, pois a água que molha o seu dedo nunca será aquela que molhará o seu calcanhar.

Cronos ou Crono: Filho mais novo de Géia e Urano, emasculou seu pai e devorou seus filhos, sendo derrotado por um deles, Zeus.

Deipnon: Segunda refeição dos antigos gregos, jantar.

Deméter: Irmã de Zeus, deusa da terra cultivada. De seu enlace com o irmão, gera Perséfone.

Doxa: Palavra grega que significa opinião popular.

Éaco: Um dos três juízes do outro mundo, filho de Zeus com uma ninfa. É o juiz mais piedoso.

Elíseos: Os Campos Elísios são o paraíso, um lugar do mundo dos mortos governado por Hades.

Eros: Deus primordial, filho de Nix, representa a força que levou a matéria a entrar em ordenação. Deve-se ter cuidado para não confundi-lo com o filho de Afrodite.

Esparta: Cidade dedicada a Ares, o deus da guerra, era o principal rival de Atenas pelo domínio da Grécia.

Eufrônio: Grande pintor de vasos grego.

Eurotas: Rio que cruza a Grécia.

Etimidas: Grande ceramista e pintor de vasos ateniense.

Frígia: Reino da antiguidade situado próximo à Anatólia.

Géia: Divindade cósmica primordial. Foi a primeira a surgir do Caos, dando origem a todos os outros deuses.

Gymnasium: Locais de aprendizado destinados, sobretudo, a palestras.

Hélade: Termo sinônimo de Grécia.

Heráclito: Pré-socrático considerado o pai da dialética.

Héstia: Filha de Cronos com Reia. Possuidora de grande beleza, a Apolo e a Poseidon recusou, pois havia jurado castidade.

Láquesis: Uma das três Parcas, ou Moiras, que controlavam o destino dos seres humanos. Representava o presente.

Lete: Rio do Hades. Quem bebia de sua água se esquecia do passado.

Minos: Um dos três juízes do outro mundo. Filho de Zeus com Europa, foi também o primeiro rei de Creta.

Péricles: Influente estadista, orador e general, um dos grandes líderes de Atenas.

Pólis: Literalmente cidade em grego.

Phronesis: Inteligência, astúcia.

Radamanto: Um dos três juízes do outro mundo, filho de Zeus com Europa.

Réia: Filha de Geia com Urano, esposa de Cronos e mãe de Zeus.

Sólon: Legislador, jurista e poeta, considerado como um dos sete sábios da Grécia.

Tártaro: Região do Hades para onde as almas pecadoras iam.

Teogônico: Relativo à origem dos deuses.

Tétis: Uma das titânidas, mãe das oceânidas, das nereidas e de Aquiles.

Trácia: Região norte da Grécia.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofia, Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderno, 2003.

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Platão: Mito e Paideia**. In: Notandum Libro 10, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2008.

Disponível em: http://www.hottopos.com/notand_lib_10/gilda.pdf

Acesso em: 29/06/2011

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2004

DURANT, Will. **A história da filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1926.

ELIADE, MICEA. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia, uma aventura na filosofia**. São Paulo: Editora Presença, 1990

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

GHIRALDELI, PAULO. **O que é Pedagogia**. In. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

GOMES, Morgana. **Platão**. In. Coleção Iluminados da humanidade. São Paulo: 4D Editora, 2006.

HEMINGWAY, Colette & HEMINGWAY, Seán. **The Technique of Bronze Statuary in Ancient Greece**. In **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000

HESÍODO, Trad. Sueli Maria de Regino. **Teogonia, Trabalhos e Dias**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

JAEGER, Werner. **Paideia, a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KEESING, Felix. **Antropologia Cultural: A Ciência dos Costumes**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MURATOV, Maya B. **Greek Terracotta Figurines with Articulated Limbs**. In **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e História da Educação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PINHEIRO, Marcus Reis. **Formas de Interpretar o 'Mito' em Platão e na contemporaneidade**. In: Boletim do CPA, Campinas, nº 15, jan./jun. 2003.

Disponível em: <http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/14-marcuss.pdf>

Acesso em: 01/07/2011

PLATÃO. Trad. Pietro Nassetti. **República**. In: Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PLATÃO. Trad. André Malta. **Apologia de Sócrates, Sobre a Piedade (Éutifron), Sobre o Dever (Crítón)**. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

PLATÃO. Trad. André Malta. **O Banquete**. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

PLATÃO. Trad. André Malta. **Leis**. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

PLATÃO. Trad. Pinharanda Gomes. **Fedro ou da Beleza**. Lisboa: Guimarães Editores, 1981.

PRADO JR., Caio. **O que é Filosofia**. In: Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SILVA, Nathália Lipovetsky e. **A paideia grega como contribuição para a realização da justiça através de uma educação para a cidadania e os direitos**

humanos. In: Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010.

Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4172.pdf>

Acesso em: 09/07/2011

VALLE, Lílian do. **Os enigmas da educação, a Paideia democrática entre Platão e Castoriadis.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.